



OS LIVROS DA VIDA DE PANDORA
Zeus, os Titãs e a Criação da Espécie Humana Terrestre
Livro 1



Corrigido e Adaptado por
Gullan Greyll

09-02-2022

SINTESE

Pandora muito realizou para que a humanidade deixasse de ser "massa de manobra" nas mãos dos deuses que existiam na época em que a espécie humana foi criada.

Ela, por ter sido violentada na sua intimidade mental, construiu-se a partir das novas vontades que surgiram no seu íntimo enquanto um ser que se havia libertado do jugo do seu criador, no caso Zeus, o deus do Olimpo.

Da dor e da violência sofrida, algo nasceu dentro dela que encontrou ressonância no seu novo modo de pensar e agir, tornando-a a primeira mulher, que era parte humana e parte olimpiana.

Ela foi condicionada, à "força", a tornar-se um ser feminino, mas logo depois de percorrer um longo caminho onde o seu aprendizado como humana terrestre fortaleceu-se na sua composição física e mental, optou por permanecer, ao longo da sua existência, com o padrão feminino a marcar-lhe a forma de existir e de deixar-se mostrar para todos.

OS LIVROS DA VIDA DE PANDORA

ZEUS, OS TITÃS E A CRIAÇÃO DA ESPÉCIE HUMANA
TERRESTRE

LIVRO 1

Conteúdo

SINOPSE	1
PREFÁCIO	1
NOTA DA AUTORA TERRENA.....	1
DEDICATÓRIA	1
O MITO DE PANDORA.....	1
CAPÍTULO 1.....	1
MAIS UM FILHO DE ZEUS!	1
CAPÍTULO 2.....	7
A VIDA NO OLIMPO	7
CAPÍTULO 3.....	13
CONVIVÊNCIA COM OS IRMÃOS TITÃS, PROMETEU E EPIMETEU ...	13
CAPÍTULO 4.....	19
A “ASSEMBLEIA DOS DEUSES DO OLIMPO”	19
CAPÍTULO 5.....	25
A PRIMEIRA FORMA HUMANOIDE FEMININA	25
CAPÍTULO 6.....	31
O RETORNO DE PROMETEU	31
CAPÍTULO 7.....	37
FAZENDO PARTE DA MINHA NOVA ESPÉCIE.....	37
CAPÍTULO 8.....	39
A VISITA INESPERADA DE ZEUS	39
CAPÍTULO 9.....	45
O QUE É BOM DURA POUCO!.....	45
CAPÍTULO 10.....	47
O SIGNIFICADO DE EXISTIR POR TODA A ETERNIDADE	47
CAPÍTULO 11.....	53
NOVAS PERCEÇÕES E NOVOS SENTIMENTOS	53
CAPÍTULO 12.....	57
AS MOTIVAÇÕES DE EPIMETEU	57
CAPÍTULO 13.....	61
O ENGENDRAMENTO DE PIRRA	61
CAPÍTULO 14.....	65
AS “POÇÕES” DE EPIMETEU	65

CAPÍTULO 15	73
TOMANDO AS “POÇÕES” DE EPIMETEU	73
SOBRE A AUTORA	1
LIVROS DA AUTORA.....	1

SINOPSE

Pandora muito realizou para que a humanidade deixasse de ser "massa de manobra" nas mãos dos deuses que existiam na época em que a espécie humana foi criada.

Ela, por ter sido violentada na sua intimidade mental, construiu-se a partir das novas vontades que surgiram no seu íntimo enquanto um ser que se havia libertado do jugo do seu criador, no caso Zeus, o deus do Olimpo. Da dor e da violência sofrida, algo nasceu dentro dela que encontrou ressonância no seu novo modo de pensar e agir, tornando-a a primeira mulher, que era parte humana e parte olimpiana.

Ela foi condicionada, à "força", a tornar-se um ser feminino, mas logo depois de percorrer um longo caminho onde o seu aprendizado como humana terrestre fortaleceu-se na sua composição física e mental, optou por permanecer, ao longo da sua existência, com o padrão feminino a marcar-lhe a forma de existir e de deixar-se mostrar para todos.

PREFÁCIO

Roger Waters tem uma marcante e encantadora canção cujo título é *"Hello I Love You"*¹, que foi utilizada como tema musical, apresentado no final do filme *"The Last Mimzy"*², cujo contexto envolve seres situados além das fronteiras da nossa vida, tentando falar com os terráqueos.

A letra ressalta *"is there anybody in there?"*³, na eterna busca de se saber se tem alguém do lado de lá da vida, ainda que os de lá saibam da nossa existência.

No vídeo promocional oficial da música, ele volta-se para a câmera em silêncio, mas com olhar significativo, e bem que aquele trejeito poderia ser interpretado como se ele próprio fosse o "Mimzy terreno", a estar a ser utilizado pelos do outro lado, como se a convidar os terráqueos a movimentarem-se evolutivamente.

Em certa altura ele diz:

"The ghosts are walking by my side. I feel their love, I feel their pride.

*For I have built, a bridge or two Bridges between me and you."*⁴

Pandora tem caminhado por aí, perambulando pelos caminhos da espiritualidade.

O seu espírito livre, cansado e algo "invocado", ainda procura compreender por que milénios de trabalho dedicados à semeadura da liberdade humana, frente aos deuses, foi estragado exatamente pelo legado de quem ela esperava um apoio que jamais veio. Muito pelo contrário!

A tentativa de fazer retornar esta humanidade para o controle dos grilhões de um Ser, como pretendeu fazer Jesus ao levar os humanos a amarem o estranho "Deus bíblico" Javé, numa espécie de submissão diferente da que havia sido imposta aos judeus, nos antigos pactos com os seus patriarcas, agora proposta na sua "nova aliança", foi para ela como uma derrocada mental que quase a afetava definitivamente, levando-a à ante porta da loucura de âmbito espiritual. Por pouco, a sua personalidade não implodiu!

Ao colocar-se novamente de pé, após um longo período de aparente desistência, Pandora procurou por apoio humano para poder, de onde se encontra, retomar os seus antigos e quase esquecidos ideais, em torno de uma humanidade livre da influência de falsos deuses e de usurpadores do suor alheio.

Como diz a letra da música reproduzida, caminhando ao lado de Jeane, Pandora esforçou-se para que o seu amor e o seu orgulho – por estar

novamente atuante e utilizando-se das pontes construídas por Jeane, ao longo da vida, com ela e outros inconformados situados além das fronteiras que limitam a nossa percepção – fossem percebidos pela sua parceira intelectual, nesta aventura mediúnica.

Eis que surgem os frutos, no campo do esclarecimento, do resgate de painéis desconhecidos de um passado esquecido, mas, acima de tudo, da perene luta da qual não se pode mais abrir mão, até porque, nesta altura do tempo cósmico, o esclarecimento em torno dos equívocos desse pretérito tornou-se essencialmente importante para que os algozes de ontem, inabilitados para o progresso pelo peso da própria incúria, recebam, agora, a ajuda que precisam para reajustar os seus códigos “adoentados”, apoio esse, vindo exatamente daqueles a quem muito agrediram.

Mais e mais, eis que se consuma o processo de ajuda que cicatriza as feridas daqueles que tanto magoaram a humanidade – e é mesmo curioso que sejam os humanos a estarem a desempenhar esse papel.

Que Pandora e Jeane possam continuar a produzir luzes de esclarecimento sobre o que, por muito tempo, permaneceu oculto ao conhecimento humano.

Efetivamente, é hora de despertar!

Jan Val Ellam

1 “Olá, eu te amo.”

2 “Mimzy: A Chave do Universo.”

3 “Há alguém aí?”

4 “Os fantasmas estão a andar ao meu lado. Sinto o amor e o orgulho deles. Por eu ter construído uma ponte ou duas. Pontes entre eu e tu.”

NOTA DA AUTORA TERRENA

“E assim tornamo-nos profetas do absurdo! [...] De que me servia depois afirmar que, na experiência que me interessava e sobre a qual aconteceu escrever, o absurdo não era senão um ponto de partida, ainda que a sua lembrança e emoção acompanhem os caminhos seguintes?”

O VERÃO – ALBERT CAMUS

Quando leio essa frase de Albert Camus, vejo-me a refletir exatamente na parte em que ele diz que tornamo-nos “profetas do absurdo”. É assim que me sinto ao trazer à tona um passado que me causa surpresas e questionamentos sobre se o que estou a ouvir aconteceu de facto ou se se trata somente de uma fantasia imaginada por mim, a autora terrena, ou de algo ainda mais fantasioso, criado pela autora espiritual do trabalho aqui realizado. Paraphraseando Camus, *“afirmo que, sobre a experiência que me aconteceu escrever, o absurdo é somente um ponto de partida, pois que a emoção que senti ao registar esta narrativa ainda me acompanha até aos dias presentes...”*

Na minha adolescência, quando me deparei com o mito de Pandora¹, essa, por se tratar de uma “mulher” sobre a qual foi colocado o peso de ter desvirtuado toda a humanidade, logo a associei à Eva, já que também a ela foi atribuída esta faceta de desviar o homem do caminho, proposto por Deus. Ou seja, são dois factos que, supostamente, foram realizados pelo padrão feminino, sendo que disso resultou toda a desgraça que a espécie humana terrestre recebeu como castigo de Deus. Pandora teve, pelo julgamento daqueles que observam a história através de um olhar masculino, um papel resumido a somente ter sido o foco disseminador de vários “males” para toda a humanidade. Eva, a primeira mãe de toda a humanidade, a ela também lhe foi atribuído esse mesmo papel pois, quando convenceu Adão a comer o “fruto proibido”, fez com que ele e todos os seus futuros descendentes fossem expulsos do paraíso instituído para eles e, a partir de então, muito sofressem para poderem sobreviver. Nos dois casos, um padrão feminino foi veículo da desgraça para todos aqueles que viessem a nascer na espécie humana.

Eu penso diferente a respeito do que foi dito e atribuído a Eva e a Pandora. Com relação a Eva, pouco tenho a acrescentar, a não ser meras reflexões pessoais que faço sobre o que foi escrito a respeito dos acontecimentos ainda no “Jardim do Éden”. Entretanto, com relação a Pandora, devo dizer que, ao tornar-me uma “pretensa profeta do absurdo” por tomar conhecimento dos factos a partir da narrativa que ela me fez, tenho outro pensamento a respeito do que, verdadeiramente, ela realizou para que a humanidade deixasse de ser “massa de manobra” nas mãos dos deuses que existiam na época em que a

espécie humana foi criada. Ela, por ter sido violentada na sua intimidade mental, fez-se e construiu-se a partir das novas vontades que lhe surgiram no seu íntimo enquanto um ser que se havia libertado do jugo do seu criador – no caso, Zeus², o deus do Olimpo³.

Pandora sofreu muito para tornar-se aquilo que ela nunca pensou ser, pois que não havia nela esse tipo de vontade, mas o que existia era um “incômodo” diante do que ela via no cotidiano das relações “deterioradas” entre Zeus e os descendentes dele. Desse “desconforto existencial”, acrescido da dor e da violência sofrida, algo nasceu dentro dela e encontrou ressonância no seu novo modo de pensar e agir, tornando-a a primeira “mulher”, que era parte homo (biológica) e parte olimpiana⁴. Ela foi condicionada, à “força”, a tornar-se um ser feminino, mas depois de percorrer um longo caminho onde o seu aprendizado como homo fortaleceu-se na sua composição física e mental, optou por permanecer, ao longo das suas existências, com o padrão feminino a marcar-lhe a forma de existir e de mostrar-se para todos.

Questionei-me a respeito do motivo pelo qual ela optou por encarnar sempre no padrão feminino, pois que, no meu entendimento, o masculino é mais aceito e mais respeitado pela espécie humana. Logo, enderecei a ela esse meu questionamento, e Pandora, assim, esclareceu-me:

“ – Eu descobri que certas sensações e sentimentos estão atrelados ao padrão feminino e, por isso, optei e sempre optarei por apresentar-me neste padrão. Ainda assim, tenho algumas características que podem ser atribuídas ao sexo masculino, como a força, a ousadia, o comando e a liderança. Entretanto, percebi que o que existe de mais frágil em mim é justamente o que me dá a devida guarida para que eu me torne melhor, para que eu seja mais humana. Certas características atribuídas ao sexo feminino fazem de mim um ser mais ameno, mais flexível e até mais amoroso – se é que consigo classificar-me assim. Não sou doce, nem amorosa, entretanto, quando encarno no padrão feminino, tenho elementos e hormônios, na minha composição corporal, que posso usar para pacificar-me e até tornar-me mais “amena” diante dos factos que não me agradam.”

Enquanto do sexo feminino, sempre questionei por que os homens podiam tudo e as mulheres tinham que restringir-se a serem somente “mulheres”, ou seja, podiam casar-se, tomar conta de filhos e ser submissas – apesar de, no mundo ocidental, muita coisa ter mudado sobre essa questão. Então, esse esclarecimento de Pandora invocou em mim uma reflexão, pois nunca, em toda a minha existência, pensei que, por estar atrelada a uma constituição física do sexo feminino, pudesse desenvolver em mim, desde que eu quisesse, algumas atitudes que, em conjunto com a guarida que o meu próprio corpo me desse – como sensações, pensamentos e pacificações – me fariam ser e me permitiriam desenvolver, em mim mesma, aquilo em que eu desejasse transformar-me.

Bem, entendo que isso não é um condicionante! Que nascer num corpo feminino ou masculino não determina quem vamos ser, pois que atitudes, sensações e pensamentos que entendíamos pertencerem a um determinado sexo, hoje, na atual sociedade contemporânea, já se misturam de maneira muito evidente em mulheres e homens que não mais seguem esse ou àquele padrão predefinido de comportamento.

Ao pensar em Pandora, sinto-me intimamente associada a ela quando entendo que temos que agir – independentemente do padrão no qual estamos a atuar nesta vida – como se aqui estivéssemos com a missão de sermos melhores do que já conseguimos ser, de fazermos em nós mesmos uma transmutação, livrando-nos do que nos faz mal e aos nossos relacionamentos, e reforçando o que nos faz bem e que ajuda a transformarmos aqueles que fazem parte da nossa convivência.

Pandora desperta-me – nesta forma de uma mulher, que agora visto – uma sensação de que preciso esforçar-me mais para ser o que eu quero ser. Ela, nos relatos que me fez, sempre provocou em mim sentimentos de surpresa, de alegria, de força e de coragem que, em momentos nos quais eu, enquanto humana, não sabia o que fazer, relia a sua narrativa e encontrava uma “vontade pessoal” de ser diferente, de fazer mais do que somente cumprir com as minhas responsabilidades pessoais. Algo ressoava com tanta força dentro de mim que a sua história fazia-me ver o quanto podemos transformar-nos, autotransformar-nos, caso optemos por isso!

O que há de mais importante nesta narrativa é perceber a história de um ser que ultrapassou tudo para tornar livres outros seres e a si própria! Entendo a história da vida de Pandora como um convite à ousadia e à liberdade de sermos o que quisermos ou pretendermos nos tornar!

Que os bons sentimentos – como a bondade e o altruísmo – e os valores que nós humanos temos sejam os nossos guias, que consigamos realizar em nós mesmos a verdadeira transformação, o que implica tornarmo-nos seres livres de apegos, conceitos, opiniões e sentimentos negativos, e que nos tornemos pacíficos, gentis e amorosos uns com os outros. Esse é o meu objetivo final, independentemente do sexo do corpo que estejamos a ocupar ou da opção sexual. Talvez, um dia, Pandora também perceba isso!

Não tenho como garantir-lhes se o que foi aqui descrito é “verdade” ou algo que se assemelhe a isso. Quando nos tornamos “profetas do absurdo”, a única coisa que temos a dizer é que tenham cuidado com o que vão ler, que pensem e reflitam por si mesmo e que, principalmente, repito, não tomem como “verdade” o que está escrito neste livro. Tenho muitos defeitos e dúvidas e posso ter compreendido mal o que me foi transmitido. No entanto, digo-lhes que muito me esforcei na tentativa de ser fiel ao que me foi dito. Peço desculpas se eu tiver

falhado nessa intenção, entretanto, dou-me o direito de afirmar que posso ter entendido algo ou tudo de modo equivocado.

**Jeane Miranda
Primavera de 2017**

1 Pandora, da mitologia grega, significa “a que possui todos os dons” ou “a que é o dom de cada um dos deuses”.

2 Na mitologia grega, Zeus é o “deus dos céus”, que mantém a ordem e a justiça. Na “Teogonia”, de Hesíodo, ele é responsável por delegar a cada um dos deuses as suas devidas funções. Nos “Hinos Homéricos”, é referido como o “chefe dos deuses” do Olimpo.

3 O monte Olimpo, segundo a mitologia grega, é a “morada” dos doze principais deuses do panteão grego, que a imaginava como uma mansão de cristais em que esses seres habitavam.

4 De acordo com os livros sagrados do hinduísmo, três divindades deram origem a este universo, sendo eles: Brahma, aquele que tudo criou; Vishnu, aquele que deu sustentação à Obra de Brahma; e Shiva, aquele que um dia dará fim ao que Brahma criou, pois percebeu que esta Criação é imperfeita e que geraria muito sofrimento a todos os que aqui surgissem. Na verdade, antes de “entrarem” nesta Criação, quando possuíam a capacidade de serem Cocriadores de outras realidades e universos, essas divindades não tinham esses nomes, acima citados. Quando Brahma, habitante do universo antimaterial desta Criação, “destruiu” um dos seus anjos-clones, considerado “rebelde” por ele, esse ser atacado, livre do seu antigo corpo, surgiu com uma nova constituição e passou a ser conhecido, pelo panteão hindu, pelo nome de Shiva. Decorrente disso, uma nova classe de seres passou a existir no universo antimaterial, entre elas a estirpe dos olímpianos, a última a surgir. Portanto, os olímpianos são seres extrafísicos – do universo antimaterial, paralelo ao nosso universo material –, habitantes do Olimpo, uma das “moradas” de deuses.

DEDICATÓRIA

PARA PANDORA

“Talvez quem sabe, um dia,
por uma alameda do zoológico
ela também chegará.
Ela que também amava os animais
entrará sorridente assim como está
na foto sobre a mesa.
Ela é tão bonita.
Ela é tão bonita que na certa eles a ressuscitarão.
O século trinta vencerá o coração destruído já
pelas mesquinhas.
Agora vamos alcançar tudo o que não podemos amar na
vida
com o estelar das noites inumeráveis.
Ressuscita-me ainda que mais não seja
porque sou poeta e ansiava o futuro.
Ressuscita-me lutando contra as misérias do quotidiano,
ressuscita-me por isso.
Ressuscita-me, quero acabar de viver o que me cabe,
minha vida, para que não mais existam amores servis.
Ressuscita-me para que ninguém mais tenha de
sacrificar-se por uma casa, um buraco.
Ressuscita-me para que a partir de hoje, a partir de hoje,
a família se transforme e o pai seja pelo menos o
universo,
e a mãe seja no mínimo a Terra,
a Terra, a Terra.”

(Adaptação de Caetano Veloso, do poema “O amor”, de Vladimir Maiakovski)

O MITO DE PANDORA

“Prometeu, deus cujo nome em grego significa "aquele que vê o futuro", doou aos homens o fogo e as técnicas para acendê-lo e mantê-lo. Zeus, o soberano dos deuses, enfureceu-se com esse ato, porque o segredo do fogo deveria ser mantido entre os deuses. Por isso, ordenou a Hefesto – deus do fogo e das habilidades técnicas –, que criasse uma mulher que fosse perfeita, e que a apresentasse à assembleia dos deuses. Atena, a deusa da sabedoria e da guerra, vestiu essa mulher com uma roupa branquíssima e adornou-lhe a cabeça com uma guirlanda de flores, montada sobre uma coroa de ouro.

Hefesto conduziu-a pessoalmente aos deuses, e todos ficaram admirados; cada um deu-lhe um dom particular: Atena ensinou-lhe as artes que convêm ao seu sexo, como a arte de tecer; Afrodite deu-lhe o encanto, que despertaria o desejo dos homens; As Cárites, deusas da beleza, e a deusa da persuasão ornaram o seu pescoço com colares de ouro; Hermes, o mensageiro dos deuses, concedeu-lhe a capacidade de falar, juntamente com a arte de seduzir os corações por meio de discursos insinuantes. Depois que todos os deuses lhe deram os seus presentes, ela recebeu o nome de Pandora, que em grego quer dizer "todos os dons". Finalmente, Zeus entregou-lhe uma caixa bem fechada, e ordenou que ela a levasse como presente a Prometeu. Entretanto, ele não quis receber nem Pandora, nem a caixa, e recomendou ao seu irmão, Epimeteu, que também não aceitasse nada vindo de Zeus. Epimeteu, cujo nome significa "aquele que reflete tarde demais", ficou encantado com a beleza de Pandora e a tomou como esposa.

A caixa de Pandora foi então aberta e de lá escaparam a Senilidade, a Insanidade, a Doença, a Inveja, a Paixão, o Vício, a Praga, a Fome e todos os outros males, que se espalharam pelo mundo e tornaram miserável a existência dos homens a partir de então. Epimeteu tentou fechá-la, mas só restou dentro a Esperança, uma criatura alada que estava prestes a voar, mas que ficou aprisionada na caixa [...] e é graças a ela que os homens conseguem enfrentar todos os males e não desistem de viver.”

Fonte: “Vivendo a Filosofia” – Gabriel Chalita

CAPÍTULO 1

MAIS UM FILHO DE ZEUS!

“Lutamos por essa indelével nuance que distingue o sacrifício do misticismo, a energia da violência, a força da crueldade, por essa nuance ainda mais sutil que separa o falso do verdadeiro, e o homem em que nos esperamos tornar dos deuses covardes com que vós sonhareis.”

ALBERTO CAMUS

EU SURGI de um sentimento destrutivo que Zeus, meu pai, teve. Eu “nasci” para expressar um ente sem forma, sem conteúdo, ausente de tudo e de todos, sem sentido ou valor, sem ser nada e, ao mesmo tempo, sendo tudo, e sem a polaridade feminina que agora tenho.

Eu “nasci” para ser simplesmente filho de Zeus, com poderes e sem valores que norteassem a minha existência naquela “morada”, na qual eu surgi. Vivi, assim, por muitos anos – mais do que poderia contar –, até que uma espécie que estava a formar-se pelas mãos de dois titãs irmãos, chamados Prometeu¹ e Epimeteu², chamou-me à atenção.

Deles, então, apropriei o desejo de conhecer o novo, de transitar por mundos e águas nunca navegadas por seres da nossa estirpe, chamados de “olimpianos”.

Ao aproximar-me desses irmãos titãs, algo ocorreu-me, que foi, inicialmente, o que de melhor poderia ter-me acontecido, apesar da maneira como tudo se sucedeu. Na ocasião, eu ocupava um corpo sem forma predefinida, com poder mental forte e obstinado, e o que os humanos terrestres chamam de coração cheio de sentimentos desarmónicos, provocados pela constituição corporal que eu habitava. Intimamente, sinto que o melhor aconteceu para que eu encontrasse alguma coisa que, ao me aproximar, ao me tornar parte do que via, me envolvia de tal maneira que a harmonia – ou o que se assemelhe a isso –, instalava-se no meu ser, o que era realmente encantador para quem vivia em constante desequilíbrio existencial.

Nesses momentos, eu entrava em transe, em êxtase, sem saber exatamente o que provocava isso. O facto é que, quando chegava perto dos “animais de estimação” de Prometeu e Epimeteu, eu me sentia em “paz”! E devo acrescentar que, paz, é um sentimento estranho para os que têm a composição corporal como a olimpiana, e que

era uma sensação que nem sequer podia traduzir em palavras, porque não saberia fazê-lo, simplesmente por desconhecê-la.

Esses “animais de estimação” provocavam em mim o que, até àquele momento, não conhecia e sequer achei que poderia existir. Então, fui ficando obcecada em permanecer ali, junto a eles, para receber tal eflúvio vindo de uma forma corporal mesmo tão grosseira aos meus olhos.

Explico-lhes por que me referi a essas criaturas dessa maneira: os animais que Prometeu e Epimeteu estavam a “criar” ou a “modelar” eram criaturas que se pareciam com os animais que os humanos chamariam de “primatas”, só que eles já tinham um corpo mais humanoide, ou seja, a forma humana, porém ainda muito brutalizada.

Então, não conseguia entender a minha reação em relação àqueles seres, e me perguntava: *“Como é que criaturas com essa aparência ou com esse porte grosseiro podiam deixar-me assim, com a sensação de “tranquilidade” e de “paz”? Como é que seres que sequer falavam ou se expressavam de modo entendível podiam causar-me tais sensações?”*. São questões para as quais, naquele tempo, não conseguia respostas adequadas. Mesmo assim, sentia-me atraída e, sempre que possível, ia ao encontro deles. Não pensava em mais nada, só queria estar junto deles! Lá, era o meu refúgio; lá, considerava-me segura; lá, conseguia o que, junto dos meus irmãos da mesma estirpe, não encontrava!

Os tempos transcorreram e eu passei a conviver também com os irmãos titãs e, por meio deles, fui aprendendo mais sobre aqueles seres humanoides, as “criaturas de duas pernas”. *“Para quê, como e por que eles foram criados? Por que provocavam esse tipo de sensação em mim?”* – eu questionava aos irmãos titãs. Entretanto, Prometeu somente sorria e debochava das minhas perguntas. Dizia-me para esquecer todas essas questões, que não era para que eu me envolvesse muito com isso e que, se quisesse, eu poderia conviver com eles, mas, tentar entender as motivações pelas quais ele e o irmão “criavam ou modelavam” aquelas criaturas, não era da minha alçada. E dava por concluído o assunto.

Contudo, alguma coisa crescia em mim, pois o meu interesse por eles aumentava com o decorrer do tempo. Passei, então, a ficar mais junto aos irmãos titãs do que com a minha própria família, no Olimpo. Quanto a isso, de novo, Prometeu armou outra cilada para deixar Zeus ridicularizado mais uma vez. Eu, particularmente, nem ligava para essas contendas, e ficava à distância, observando. Entretanto, todos no Olimpo já percebiam a minha ausência e comentavam sobre o meu interesse por aqueles seres, criados por Prometeu.

A partir do momento em que Zeus também percebeu como eu vinha agindo, o modo como eu mantinha a minha existência, até então, ficou ameaçado e foi alvo de pensamentos obscuros por parte do meu criador. E quando maquinou como ridicularizar e, ao mesmo tempo, punir os irmãos titãs, principalmente Prometeu, ele juntou à sua sagaz vingança um gesto de demonstrar poder a quem dele se afastasse – o que eu tinha feito.

Talvez o leitor queira entender o motivo pelo qual um criador e a sua criatura não se amavam ou, até mesmo, não se protegiam. Bem, vão ter que entender que o que os humanos terrestres compreendem como “amor”, naquela época, naquela maneira de viver, não existia e sequer havia a menor fagulha do que o leitor entende como tal. Entre nós, o que prevalecia era o respeito imposto pela força, pela dominação de quem tinha um poder maior, ou seja, Zeus, que me criou e dele saí, mas nada tínhamos em comum, que nos unisse – a não ser, a minha submissão ao seu poder mental. Simples, assim!

Então, quando Zeus se ocupou em arranjar um meio de se vingar de Prometeu, achou uma maneira de fazer isso e, ao mesmo tempo, de demonstrar a todos que ninguém poderia desprezá-lo, nem mesmo os mais próximos! Na verdade, Zeus entendia que esses é que não poderiam, de facto, preferir a presença de um titã que o ridicularizava, à sua própria presença. Portanto, quando Zeus se deu conta disso, passei a fazer parte do planeamento dele de, como dizem os humanos terrestres, “matar dois coelhos com uma só cajadada”!

Com o atual sentimento paternal humano, o leitor deve estar a questionar: *“Como pode um genitor pensar em vingança, colocando o seu próprio descendente para ser o veículo da mesma, prejudicando-o, humilhando-o ou gerando-lhe sofrimento?”*. Bem, respondendo de maneira rápida e clara, esses valores não existiam entre nós, porém prevalecia a lei do mais forte e poderoso. Ele podia e fazia o que queria, e usava quem ele quisesse para qualquer fim que ele pretendesse. Simples, assim! Sem dramas psicológicos de pensar se estava a causar sofrimento ou não – a questão do “bem” e do “mal” não fazia parte da cultura olimpiana, mas sim a de “ordem” e “caos”. Pensava, fazia e pronto! A sua vontade era o que lhe importava.

Ou seja, “manda quem pode, e obedecem aqueles que são mais fracos do que quem mandou!” – aqui, estou a usar e a misturar a expressão terrena “manda quem pode, e obedece quem tem juízo” com um pensamento da cultura dos seres que viviam no Olimpo. O poder da força mental fazia parte do nosso quotidiano, das nossas relações e da nossa cultura. Quem era forte, mandava; e quem era fraco, obedecia. E entre os olímpianos, havia um que era o mais forte de todos: Zeus, o “deus do Olimpo” e meu pai.

Por razões que, aqui, não vou explicar, não me estenderei muito sobre o modo como me relacionava com quem me criou, pois isso não tem a menor importância. Ele era o “criador” e eu somente a “criatura”, como tantas outras que ali também existiam e foram criadas da mesma maneira que eu.

Talvez o que me diferenciava deles, os demais “filhos diretos” de Zeus, era o meu interesse pelos irmãos titãs e a minha convivência com os seus “animais domésticos” – os seres que eles cuidavam e “manipulavam geneticamente”. Essa era a única diferença que eu tinha dos demais.

No entanto, o meu isolamento e as minhas fugas para a moradia terrestre dos irmãos titãs já tinha chegado aos ouvidos de Zeus. Ele, então, pensou em usar esse meu interesse para seu próprio benefício. Agiria, vingar-se-ia, e eu serviria muito bem para o que ele estava a planejar!

Acabei por ser levada, negociada, abusada, usada e outras palavras a mais dessa categoria, para servir como uma “prenda” destinada a ridicularizar ou destruir os irmãos titãs e as suas criações.

Eu que, até então, era somente mais um dos filhos de Zeus, fui levada a uma “reunião” onde o meu destino começaria a ser tramado, inicialmente por aquele que me criou e, depois, tomaria um caminho que nem o meu próprio criador poderia, naquele momento, antever.

Fui chamada à “Assembleia dos Eleitos”³, onde os maiores “deuses” do Olimpo se encontravam. Ao entrar no recinto, notei a expressão daquela que – entre os filhos de Zeus – eu nutria algum grau de interesse e até de parceria, e percebi que algo perturbador iria ocorrer. Vi, em alguns segundos em que os nossos olhos se cruzaram, que o meu destino seria selado naquele momento... e não me parecia nada bom!

Então, de cabeça erguida, olhei para Zeus, o meu criador, e falei:

— Aqui me apresento! Chamou-me e, aqui estou.

Antes de continuar, gostaria de lhes explicar algo: as narrativas que faço neste livro são a de um ser do sexo feminino, como agora me apresento. Entretanto, devo alertá-los que, naquele tempo, quando eu era um dos “filhos diretos” de Zeus, não tinha essa polaridade e sequer me percebia como mulher, mas tudo mudou a partir daquela “assembleia”, quando fui “manipulada”, alterada e submetida a toda ordem de “prendas mentais” e de poderes que foram anexados à minha composição física e mental.

O meu destino estava selado! Fui e sou o resultado de tudo que me foi “dado” naquele instante, e das batalhas que tive que travar comigo mesma para tornar-me o que eu queria ser, e não, o que me foi determinado ser.

Quero narrar, aqui, esta diferença entre o que me tornei a partir do que fui “obrigada a ser”, e o que vim a ser quando tomei as rédeas das “obrigações mentais” que me foram impostas, ou seja, o que me fiz ser, independentemente das vontades alheias que entraram na minha mente e mudaram, recolocaram, alteraram o meu corpo, a minha mente e toda a minha composição genética que eu tinha, até então.

A “dor” que senti não foi física, como algum leitor poderia imaginar. Não havia componentes para tal situação. Ela se caracterizava pela “violência mental”, que era como a dor causada por alguém invadir o íntimo mental de uma pessoa e nele crescer “alguma coisa” que não veio dela, e/ou alterar “algo” que era dela e que ela, intimamente, se valia disso para se ver como um indivíduo. Ou seja, era como, de maneira violenta e arbitrária à sua vontade, ser invadida por várias mentes que vão mudando tudo o que aquela pessoa foi até então! Por outras palavras, a “violência” que me alterou refere-se à invasão de mentes no meu mais íntimo, no que me era mais precioso, mudando o que eu não queria que fosse alterado, e projetando em mim o que, definitivamente, por escolha própria, eu não faria.

Esse foi o momento crucial de toda a mudança. A invasão mental foi, definitivamente, o que me causou o sofrimento, a dor e a humilhação de estar, assim, exposta a todos aqueles que ali se encontravam e achavam que tinham o direito, à ordem de um terceiro, de invadir a composição mais preciosa e sagrada da minha intimidade mental. O resultado dessa minha sensação de impotência diante desse ato tenebroso, é o que sou, é o que me tornei a partir de então.

Sou o que sou! Depois que saí do Olimpo, projetei-me de acordo com a minha vontade. Tornei-me o que quis. “Manipulei-me” ao meu gosto. Sou o que sou, e disso, ninguém nem nada pode me modificar. Aprendi a ser da maneira que quis, e repito: sou o resultado da primeira “violência mental” de seres que não tiveram valores nem sentimentos morais para não obedecerem à ordem que eles receberam de Zeus. Pois bem, assim foi, assim é!

O resultado está aqui! Conto-lhes isso para que entendam, nas narrativas seguintes, como me tornei o que sou.

¹ Prometeu (antevisão), na mitologia grega, é um titã da segunda geração dos deuses. Segundo Hesíodo, Prometeu desenvolveu um papel crucial na história da humanidade.

² Epimeteu (o que pensa depois). Segundo Hesíodo, aos irmãos titãs foi dada a tarefa de criar os homens e todos os animais. Epimeteu atribuiu a cada animal os dons variados de coragem, força, rapidez e sagacidade. Todavia, ao atribuir todos os dons aos animais, resultou que não havia mais dons para serem atribuídos aos homens.

3 Os doze deuses olímpicos que constituíam a “Assembleia dos Eleitos” são: Zeus, Hera, Poseidon, Atena, Ares, Deméter, Apolo, Ártemis, Hefesto, Afrodite, Hermes e Dionísio.

CAPÍTULO 2

A VIDA NO OLIMPO

“O mito é nada que é tudo. O mesmo sol que abre os céus é um mito brilhante e mudo.”

FERNANDO PESSOA

EU VIVI NO OLIMPO, UMA “MORADA” que fica no universo paralelo a este, e que também pertence a esta Criação. Através de Zeus, eu “nasci” para aquela vida na qual eu era o que me fizeram ser. Surgi de uma mente de uma entidade obcecada em se sentir a mais poderosa, a mais amada, a “dona” de tudo e de todos – parecido com o Criador dos dois universos desta Obra. Na verdade, herdámos, todos nós, criaturas destes universos, a doença egoica do Criador: “eu mando e todos *obedecem*”.

Na “morada” de Zeus, inclusive, tudo funcionava exatamente assim, pois o império da força mental dominava e determinava os rumos das vidas inúteis que existiam e que não tinham um propósito ético ou moral ou qualquer outro que dignificasse a existência de cada um de nós.

De facto, existiam algumas regras que “organizavam” o Olimpo, e a maior delas consistia em: “Zeus e os seus irmãos eram os principais deuses que formavam a “Assembleia dos Eleitos”, que tinha o poder de decidir o destino de todos”. Entre todos os deuses dessa “assembleia”, o mais poderoso era Zeus, aquele que governava e mandava no Olimpo, nos ambientes terrenos e o que mais existisse nesta Criação! Ele se julgava importante o suficiente para se autoproclamar como o “Senhor de Todos os Seres Videntes” ou o “Senhor de Toda a Criação”, e assim, de título em título, a sua soberba não tinha fim. Era tremenda a pretensão desse deus!

Muitos olímpianos sequer se preocupavam com a finalidade das suas vidas. Os prazeres, os jogos mentais e a convivência com os outros eram suficientes para “justificar” a nossa existência. Na verdade, sequer havia questionamentos ou preocupações com os motivos ou significados de existir ou não, pois o que importava, durante os milénios de anos que duravam o que os humanos terrestres chamam de vida, era somente sermos aquilo para o qual fomos criados, independentemente da nossa escolha – e isso quando “alguma vontade” existia nesse sentido. Portanto, imaginem um local habitado por milhões de seres possuidores de “corpos” de longa duração, com algum poder mental – em graus diferenciados –, e sem nenhum senso crítico para

consigo mesmo nem com os outros, e sequer com a realidade que os cercam. O leitor pode imaginar um lugar assim?

É isso! Não havia um propósito digno para cada um de nós viver, nem mesmo para existir. Entretanto, não pense que esse pensamento que exponho, agora, fazia parte dos questionamentos de qualquer um de nós! Não mesmo! Sequer percebíamos que éramos seres sem valores predefinidos – como entendem atualmente, na Terra. Nascíamos, existíamos, queríamos controlar uns aos outros, disputávamos jogos mentais para ver quem mandava mais em quem, quem tinha mais poder e pronto! A vida – e entenda –, o sempre existir era para somente disputarmos, manipularmos, controlarmos e humilharmos quem pudéssemos subjugar com o nosso poder. A questão, no Olimpo, era somente essa. A nossa única preocupação era essa e o resto não nos importava!

Nisso – seguindo a narrativa desta história –, eu continuava a distanciar-me dessas competições tolas, que me eram cansativas e frustrantes. Eu me questionava: “O que restava depois de tudo? O que, de facto, ganhávamos com aquilo?”. Então, não achava propósito pessoal em continuar a interessar-me ou a compactuar com aquelas disputas bobas, que não levavam a nada, a não ser passar o tempo e ganhar o respeito ou medo dos outros da nossa estirpe.

Por esse e por outros motivos, que agora não preciso citar, afastei-me o máximo que pude de todos os olímpianos, principalmente do meu pai e dos meus irmãos de estirpe, os descendentes diretos de Zeus – nós, que éramos descendentes diretos, éramos os mais cobrados, éramos aqueles sempre observados por todos os outros.

Antes de aproximar-me dos irmãos titãs e das suas criaturas, como olímpiana, a minha vida era o que era, e pronto! Sem acontecimentos, motivações ou “perturbações” que alterassem, de alguma maneira, o que eu pensava ou sentia. Para nós, do Olimpo, tudo era praticamente igual por toda a nossa existência que, de facto, era bastante longa.

A nossa espécie aconteceu de maneira tal que existir era somente um “favor” concedido por um deus olímpiano ou um deus anterior, e vivíamos submetidos ao nosso criador e à alta hierarquia de deuses, que a tudo e a todos controlavam. Na verdade, tínhamos uma vida simplória, por assim dizer. Não tínhamos preocupação com a existência. Somente a recebíamos e pronto! Se o poder mental que recebíamos era “bom” para nós ou para os nossos criadores, não tenho como avaliar, mas muitos de nós eram “forjados” para um único objetivo – ou seja, atender os desejos ou ordens de quem nos criou. Então, existíamos para esse fim!

No Olimpo, havia vários “deuses”. Cada um que “nasceu” foi urdido por outro, e apresentava características herdadas daquele que o forjou. Como exemplo, cito a minha irmã Atena¹, que nasceu de um “pensamento” de Zeus, de se proteger dos outros

“deuses”, irmãos dele, que queriam dominar o Olimpo e usurpar o seu reino. Deste “pensamento”, passou a existir uma “deusa” armada, com poderes e características para lutar. Era assim que funcionava!

Os filhos de Cronos, inclusive Zeus, quando criavam, cada descendente “nascia”, ou melhor, passava a existir com o propósito ou com as características que o seu criador lhe concedeu no momento do engendramento. Às vezes, penso que esse modo de viver – agora analisado sob os parâmetros que os humanos terrestres desenvolveram através de séculos de evolução do pensamento lógico e crítico –, sem propósito existencial, com poderes mentais, mas desprovidos que éramos de qualquer senso crítico, ético e muito menos amoroso, não é digno para nenhum ser existir!

Não há decência em existir dessa maneira, agora entendo mais claramente, apesar de que, quando eu ainda estava no Olimpo, sentia que algo, que não sabia explicar, não se encaixava, perturbava-me, e faltava para preencher o vazio daquela existência sem sentido – um “vazio existencial” preenchia-me o íntimo.

Contudo, gostaria de dizer-lhes que, naquela situação, essas reflexões, que agora exponho, não eram assim tão claras, não tinham essas “cores” e explicações que atualmente posso traduzir em palavras, pois eram somente sensações de inquietude, sem reflexões, explicações, ou um pensamento lógico que construísse, através de “palavras”, o que acontecia no meu íntimo.

Hoje, já tendo experienciado vidas humanas terrestres e, portanto, em corpos biológicos com um cérebro capaz de decodificar os sentimentos e transformá-los em palavras, posso descrever o que eu sentia no Olimpo, e compreender as inquietações que me assolavam naquele tipo de corpo extrafísico, naquela forma de existir, quanto às “sensações” que eu tinha naquela existência como filha direta de Zeus.

Quero dizer ao leitor que a matéria, da qual o nosso corpo era feito, era de um modo que nos causava perturbações vibracionais, que faziam com que mudássemos a nossa forma de acordo com o que sentíamos. Todavia, os mais poderosos podiam transmutar-se ou transformar-se no que desejassem ou no que pensassem.

Os humanos terrestres podem entender isto como um “grande poder”, mas quero alertá-los que não se tratava de um recurso, mas sim, de uma “folga corporal” nas nossas inquietações, que fazia com que perdêssemos o controlo do nosso corpo, e a partir do que estivéssemos a pensar ou sentir naquele momento, mudávamos a nossa forma – e isso não tinha nada de poderoso, mas sim, era devido a uma descontinuidade em controlarmos as nossas próprias células de modo a mantermos a aparência corporal. No entanto, isso era visto por nós, pobres ignorantes, como poder! Contudo, observando por outro ângulo a mesma questão, de facto, juntando o descontínuo controlo corpóreo

com o poder mental de cada individualidade, transformar o próprio corpo num outro podia até ser algo realmente “poderoso”, mas era sem propósito existencial nenhum!

Novamente, quero deixar claro que essas reflexões somente são possíveis porque, agora, depois de viver em corpos humanos terrestres, que propiciam alto padrão de reflexão, pude transformar as sensações, que afloravam na minha existência enquanto ser do Olimpo, em pensamentos lineares e lógicos. Daquela época como olimpiana, guardo dolorosas sensações no meu psiquismo espiritual, das quais precisarei libertar-me, “limpar-me”, ou seja, terei que seguir adiante sem essas marcações “psicológicas” que me fazem ser o que sou, “sinta” o que sinto, e atue da maneira que sempre atuei em todas as formas corporais que ocupei nas existências que já tive na Terra.

Adiante relatarei essas vidas², mas, agora, preciso deter-me na minha existência no Olimpo.

No Olimpo, a minha aparência se assemelhava, inicialmente, a um ente sem forma definida com relação à polaridade feminina ou masculina, da maneira que se conhece aí, na Terra. Vou explicar melhor: não tínhamos polaridade, pois éramos seres assexuados, mas criávamos – ou seja, multiplicávamo-nos – com força mental, e existíamos sem que, no entanto, ostentássemos esse ou aquele sexo. Éramos, existíamos e pronto!

Zeus ou qualquer um de nós, quando queria criar, pensava sozinho ou em conjunto com outro da nossa espécie, e projetava o novo ser – um “filho direto” – com as características que cada criador desejasse. Por muito tempo, as coisas funcionaram assim, porém, depois, modificaram-se. Todavia, neste momento, narrarei sobre essa maneira direta, inicialmente aplicada, de projetar novas existências, de projetar um ser para atender a certas necessidades daqueles que estavam a criar.

Tudo isso parece tão injusto, não? De facto, toda e qualquer criação destes universos, material e antimaterial, surgiu ou nasceu sem que a justiça fosse o fio condutor para aquele novo ser existir! Parece-me que nada do que nasceu ou foi urdido nesta Criação teve a oportunidade de escolher ou optar por coisa alguma, uma vez que era concebido, passava a existir numa forma ou no corpo que elegeram para ele, dentro de características também escolhidas por outros, e pronto! Então, fazia parte da “loja de horrores corporais”, que pertencem a este modo de viver dos humanos ou de outras maneiras de existir em outros mundos deste universo material, ou ainda, nas “moradas” do universo antimaterial!

Nesta Criação, tudo o que aqui existe não deveria existir. Nada que aqui existe é ou foi urdido dentro da justiça, ética ou amor – que os humanos terrestres conhecem. Digo isso sem nenhum ranço de raiva, amargura ou impulso, e baseada em factos que observei, vivenciei e presenciei ao longo das minhas existências.

O amor e a justiça – como hoje são entendidos – não existem e nunca existirão enquanto a vida for o que ela é e se processar dentro desta Obra caótica e problemática, e enquanto os que estão no comando continuarem a ditar, manipular e atuar nesta Criação!

Aqui, nunca houve ou haverá justiça! Nesta Criação, o que existe é somente o que, na Terra, se entende como “os fins justificam os meios”! Eu, atualmente, desprezo tal pensamento. Nada explica as vidas baseadas no sofrimento e na dor de trilhões de seres que aqui existem para resolverem questões que não foram criadas por eles mesmos. Para mim, nada justifica que todos sofram para salvar um – ou seja, o Criador destes universos, material e antimaterial.

Dito isso, continuarei a seguir com o relato das minhas sensações pregressas, com a narrativa do que me fez mudar todo o fluxo da minha história pessoal: o meu encontro com os irmãos titãs e os seus “animais de estimação” – os futuros humanos da espécie *Homo sapiens sapiens*³.

¹ Atena, a versão mais corrente do seu mito é como a filha partenogénica (sem fecundação) de Zeus, pois nasceu da sua cabeça e plenamente armada. É considerada a deusa da civilização, da sabedoria, da estratégia em batalhas, das artes e da justiça.

² A questão sobre as outras vidas que Pandora teve na Terra será abordada em outro volume de “*Os Livros da Vida de Pandora*”.

³ A espécie *Homo sapiens sapiens* é, principalmente, resultante da miscigenação, ao longo do tempo, da linhagem de Pandora com outras linhagens humanas, como a manipulada geneticamente pelos Anunnaki e algumas que extraterrestres trouxeram para a Terra.

CONVIVÊNCIA COM OS IRMÃOS TITÃS, PROMETEU E EPIMETEU

“O meu passado é tudo quanto não consegui ser. Nem as sensações de momentos idos me são saudosas: o que se sente exige o momento; passado este, há um virar de página e a história continua, mas não o texto.”

FERNANDO PESSOA

COM O PASSAR do tempo no Olimpo, o tédio, a frustração e o meu isolamento dos demais chegava ao máximo do que eu podia suportar. Portanto, acabei por conviver de modo mais frequente com os irmãos titãs, Prometeu e Epimeteu.

Assim, mantinha a minha curiosidade direcionada para o ambiente onde eles faziam as suas experiências, pois eu sentia-me atraída por aquele lugar na Terra. Cada vez mais, sentia necessidade de conhecer e aprofundar-me no que eles faziam e como procediam para “criar” ou “modelar” aqueles seres que, aparentemente, eram grosseiros, peludos e que sequer falavam alguma coisa que pudesse ser compreensível. Apesar disso tudo, cada vez mais, nutria por aquelas criaturas uma curiosidade, uma vontade de estar sempre perto delas!

Nisso, os irmãos titãs começaram um novo projeto, e eu percebia que esse acontecia sem um planejamento prévio dos dois. Na verdade, Prometeu fazia algo e Epimeteu vinha depois e modificava o que o irmão estava a fazer. O engraçado era que, aparentemente, Epimeteu fazia isso “escondido” de Prometeu. Entretanto, eu percebi que Prometeu deixava que o irmão realizasse “novos testes” nas criaturas que ele moldava ou “manipulava”, para “ver” o resultado que seria alcançado. Não era um sistema lógico de se fazer experimentação, pois eles meio que brincavam com o que faziam, não combinavam entre si, mas sempre que um “mexia” no experimento do outro, algo acontecia que, o que viesse em seguida, dava continuidade à experiência a partir do novo resultado obtido... e, assim, acontecia todos os dias...

Epimeteu havia criado uma série de “misturas mágicas” que alteravam os componentes dos corpos. Dito isso, quero esclarecer que essas “poções” criavam

mutações nos corpos e nas mentes de quem as tomasse! Como causavam modificações diferentes em cada um, ele nunca sabia o resultado que seria obtido em cada espécie à qual ele dava aquelas “misturas”.

O método usado por ele era simples: produzia as “poções” com diferentes produtos e para diferenciados fins, dava-as a alguma “cobaia” – que às vezes era ele mesmo, ou um dos animais que viviam à sua volta – e esperava pelo resultado que seria obtido. Às vezes, os efeitos eram devastadores. Ele também tinha algumas “poções” cujo efeito já havia catalogado e, por isso, testava-as em espécies diferentes, para ver se o resultado seria similar!

De tanto provar nele mesmo as “misturas mágicas”, Epimeteu acabou por ficar viciado em algumas delas, passando a viver em dimensões existenciais ou, como dizem os humanos, com a sua mente em estado alterado de consciência. Ele era um bom ser – pelo menos era a impressão que me causava –, porém, ao viciar-se, tornou-se numa criatura à parte, residindo numa realidade que somente ele percebia e, assim, passou a viver perdido nos seus pensamentos e sensações, no “mundo ilusório” que ele criou para si mesmo.

Epimeteu era muito inteligente, e ninguém mais conseguia produzir as “poções” que ele desenvolveu. Contudo, as suas ausências de consciência tornaram-se mais constantes, e o Olimpo ou os ambientes terrenos não davam mais guarida para a sua mente, que explodia com as mutações, entorpecimentos e sensações provocadas pelas constantes misturas de substâncias que tinham o poder de alterar a sua consciência, o seu corpo e a sua mente.

Então, Prometeu começou a produzir “criaturas de barro”. Eles eram enormes! Prometeu juntava barro com uma série de materiais – que nem vou descrever para não causar repulsa no leitor. Feita a modelagem das “criaturas”, estrategicamente, ele as deixava à vista, de modo a que Epimeteu usasse as suas “poções” nelas, para ele poder, depois, observar e tornar a “manipular” a partir dos resultados obtidos.

Eu contemplava tudo aquilo encantada! Os dois trabalhavam de modo alternado, sem que fosse exatamente “em conjunto”, e era isso que Prometeu procurava fazer. Depois, eu compreendi o porquê de ele agir assim: era para dar liberdade para que Epimeteu “ousasse” no uso das suas “misturas mágicas”, pois acreditando que o irmão de nada sabia, usava e abusava das suas “poções” nas “criaturas” de Prometeu! Eu fui notando que os efeitos iam modificando-se para melhor.

Então, decorridas algumas experiências, o resultado alcançado era visível, principalmente nos animais que andavam sobre duas patas – ou pernas –, pois que esses, quando passaram a tomar de maneira mais sistematizada as poções de Epimeteu,

começavam a tomar uma forma física mais agradável aos meus olhos, porém nada que se aproximasse dos corpos dos atuais seres humanos, mas uma aparência parecida à dos primatas terrestres. Devo admitir que observava tudo aquilo admirada... totalmente envolvida e maravilhada com o que observava! Entretanto, essa fascinação iria custar-me caro!

A minha irmã Atena também estava deslumbrada por tudo aquilo. Ela, que foi urdida para ser a “deusa da guerra”, que foi criada para proteger Zeus e o seu império, também estava extasiada por tudo que presenciávamos junto aos irmãos titãs. O que era impossível ocorrer, ou seja, uma “amizade” entre olímpianos descendentes de Zeus – urdidos, um para protegê-lo, e outro para destruir Prometeu e Epimeteu, que eram tão odiados pelo nosso criador –, aconteceu, pois éramos fascinadas pelas mesmas criaturas e pelos resultados que ocorriam a cada “manipulação” que esses irmãos faziam.

Passámos, então, esses quatro personagens desta história, a ficar reféns da curiosidade sobre os resultados e a evolução dos desdobramentos de todas aquelas “manipulações”.

Nisso, ocorreu um facto estranho, que vou narrar a seguir.

Certo dia, Atena foi ao meu encontro nos ambientes terrenos, na casa dos titãs. Ao deparar-se com as “criaturas de barro” de Prometeu, sentiu uma forte atração por eles e, ao olhá-los com alguma “ternura” – algo nunca feito por ela até então –, o “boneco” que estava à sua frente “tomou vida”! Viveu! “Tomou vida” bem na sua frente, sem que ela sequer fizesse qualquer esforço ou usasse do seu poder mental para produzir tal resultado. Quando aquela “criatura de barro” se tornou viva bem diante dos seus olhos, isso fez com que ela ficasse extremamente admirada. O mesmo aconteceu com mais uma “criatura de barro”, pois bastava Atena olhar para elas com “ternura”, que se tornavam vivas! Do “barro”, nasciam para a vida! Atena fugiu dali, com “medo”, o que era um sentimento contraditório para uma “deusa da guerra” apresentar! As duas “criaturas” ganharem vida era tão inusitado, tão fora de tudo o que ela tinha vivido, que uma sensação de “medo” – assim podemos traduzir – tomou conta dela, e ela evadiu-se.

Atena fugiu porque ela nunca havia criado algo. Criar, ou seja, dar vida, não fazia parte da sua personalidade olímpiana. Isso era algo impensável para ela, já que foi urdida para defender Zeus e não para gerar vida e, daí, o seu “espanto”, o seu “medo” quanto ao que acabara de ocorrer.

A minha irmã logo me procurou para contar o ocorrido. Encontrei-a aparentando um misto de “surpresa, medo e espanto”. “Por que isso aconteceu? Que tipo de “sentimento” era aquele que podia provocar tal coisa?” – esses eram os seus

questionamentos. Ela nunca havia “sentido” nada igual. Aquelas “criaturas de barro” haviam provocado nela algo que não conseguia descrever-me.

Eu entendi perfeitamente o que ela sentia, pois algo similar acontecia comigo, não pelas “criaturas de barro”, mas com relação aos “animais de estimação” dos irmãos titãs, ou seja, as “criaturas de duas pernas”. Várias vezes, tentei explicar-me o por quê de elas provocarem “sentimentos e sensações” que eu desconhecia por completo. Devo confessar que elas sempre me causavam este tipo de sensação: de quietude, de querer ficar só a observar, e de aprender com elas algo que eu não sabia. No entanto, isso era uma atitude bem inesperada da minha parte, pois tais criaturas sequer falavam ou tinham uma aparência “bonita”, e era de se estranhar que verdadeiros “trogloditas” – como os cientistas da Terra classificam – provocassem sentimentos tais que, em última instância, seria aproximado ao que os humanos terrestres chamam de “amor filial”.

“Como aquilo acontecia e quais eram os mecanismos que ativavam aqueles “sentimentos e sensações” em nós, filhas de Zeus?” – pensava eu.

Atena pediu-me segredo do ocorrido porque ela não queria que ninguém soubesse disso, principalmente o nosso pai criador Zeus. Ela não havia sido urdida para aquele fim, e era especial, pois, diferente de mim e da minha condição, ela fazia parte da “elite dos deuses do Olimpo” – e isso a tornava diferente dos outros “filhos diretos” de Zeus.

Apesar de forjada para defendê-lo, Atena também não conseguia manter-se próxima a ele por muito tempo. Entretanto, se fosse preciso, daria a sua vida para protegê-lo, contudo, amá-lo ou respeitá-lo, aí já era outra coisa.

Ela também já se cansara das provocações, manipulações e controlos feitos por Zeus sobre os outros, para que tudo ocorresse de acordo com a vontade dele. Nela, também crescia uma “intenção” – ainda que pequena, é verdade –, de sair daquele meio iníquo, onde as diretrizes eram traçadas somente para humilhar, controlar e destruir quem fosse contrário a ele.

Dito isso, retorno para o nosso encontro no qual, eu e Atena vibrávamos, sem saber o que pensar ou sentir exatamente. Era tudo tão novo para nós as duas, que voltámos para casa de Prometeu de modo a observar o que de facto aconteceu.

Quando entrámos, percebermos que algumas das “criaturas” ainda se encontravam encostados à parede, da maneira que Prometeu sempre as deixava. Entretanto, dois lugares estavam vazios, e Atena falou-me que ali ficavam as “criaturas de barro” que ela “olhou de modo diferente” e que, então, “tomaram vida”! Eu saí para

um tipo de “jardim”, à procura dessas duas criaturas que tinham ganhado vida e, ao me deparar com elas, de espanto, fiquei prostrada, observando-as.

Uma das criaturas, que agora, no entendimento terreno, pode ser classificada como uma fêmea, estava sentada próxima aos machos da “espécie animal de duas pernas” e, pelo que pude reparar, ela estava a ser meio que isolada por eles. A outra “fêmea” estava um pouco distante, então, o grupo não estava a prestar atenção nela. Entretanto, notei que as “criaturas de duas pernas” não chegavam muito perto dessas fêmeas “criadas” por Atena, pois elas eram diferentes deles e, de algum modo, eles compreendiam isso.

Nisso, reparei que a minha irmã Atena igualmente observava aquelas duas criaturas que haviam nascido da sua vontade, do seu desejo... era tudo tão fascinante!

Atena preocupou-se com a possibilidade de todos do Olimpo descobrirem o que aconteceu. Eu tranquilizei-a dizendo que Prometeu acharia que foi Epimeteu que “manipulou” as suas “poções” e que algo que ele fez deu vida a esses dois novos seres. Assim, ela ficou mais calma e voltou comigo para o Olimpo, mas, antes, assegurou-me que jamais retornaria à casa dos irmãos titãs.

Eu entendo o receio de Atena. Ela não poderia ser envolvida numa coisa desse tipo! Se Zeus tomasse conhecimento das “criaturas de barro” que ganharam vida, com certeza queria saber como ela fez isso, e ela não teria como explicar tal facto para ninguém!

Para um melhor entendimento do leitor, devo esclarecer que nos ambientes em que os irmãos titãs residiam, conviviam junto deles dois tipos de seres distintos: os que eles conseguiram criar a partir do barro e das poções de Epimeteu, e as “criaturas de duas pernas”, que lá apareceram e acabaram por ficar, perto da morada dos dois titãs, que não sabiam explicar quem as havia criado. Somente tinham conhecimento de que alguns daqueles “animais de duas patas” vinham se aproximando do ambiente em que eles viviam e, como não eram mandados embora ou eram maltratados, foram por ali ficando. Depois, mais alguns deles foram chegando e também ficando. Era somente isso que os irmãos titãs atinavam sobre essas criaturas!

Certa vez, Epimeteu confessou-me que, sentiu curiosidade em tentar compreender como eles foram criados e, assim, passou a observá-los de modo mais sistemático. Então, com o passar do tempo, foi sentindo por eles um certo “carinho” e permitiu que eles vivessem ali junto à sua morada e de Prometeu, tornando-os o que vocês entendem como “animais de estimação”.

Com relação aos seres criados a partir do barro, esses eram de natureza diferente da dos “animais de duas pernas”, pois que nasciam através do poder mental de Prometeu e Epimeteu. Os seus corpos, que eram feitos com barro e outros materiais que os humanos terrestres sequer conhecem, passavam a ter vida devido ao poder mental dos irmãos titãs, e eram “melhorados” ao serem “manipulados” com as poções que Epimeteu criava – todavia, Prometeu e Epimeteu não sabiam explicar corretamente como isso acontecia!

Depois de algum tempo de convivência com Prometeu, ele revelou-me que esse projeto em que eles trabalhavam, na verdade, consistia numa tentativa de criar uma nova geração de titãs, para que esses, depois de “melhorados”, pudessem tornar-se os seus descendentes diretos, de modo que não morresse nele ou no irmão, a genética herdada dos seus criadores. Entretanto, os seres criados por Prometeu e Epimeteu a partir do barro não eram titãs, mas sim, de uma estirpe inferior a essa.

A minha irmã voltou para o Olimpo, e eu continuei a observar aqueles seres que, cada vez mais, me fascinavam. Queria estar com eles o tempo todo! Nisso, passei a ficar mais próxima de Epimeteu, e queria descobrir como ele fazia as suas “poções”, quais eram os ingredientes usados para prepará-las e como fazê-las. Todavia, apesar de Epimeteu viver constantemente “fora da realidade”, ele não as “manipulava” enquanto eu estivesse junto dele. Ele mantinha as suas “misturas mágicas” em grandes potes, de onde retirava pequenas porções, e as administrava aos seus “animais de estimação”, para ver o que acontecia.

A cada dia, eu ficava mais obcecada em observar os resultados das “poções” que Epimeteu usava. Um dia, chegando à casa dos irmãos titãs, peguei, às escondidas, um pouco de uma das “poções” que estava guardada. Eu provei, tomando-a. Saí de lá querendo ver quais os resultados que causaria em mim, e estava preparada para qualquer coisa, só não sabia que, o que estava por vir, exigiria de mim mais do que eu imaginava...

A “ASSEMBLEIA DOS DEUSES DO OLIMPO”

“Torna-te aquilo que és.”

FRIEDRICH NIETZSCHE

ESCOLHI, de maneira aleatória, um dos potes que estava catalogado por Epimeteu, e tomei da “poção” que ele continha. Na verdade, não foi tão aleatório assim, pois eu já tinha observado ele usar algumas daquelas “poções” em certos animais e tinha visto parte dos resultados que ele obteve com algumas delas. Eu, então, cataloguei os resultados que queria alcançar em mim e tomei a “poção” que achei que, com ela, obteria o resultado pretendido.

“Parece loucura!” – diria o leitor. Contudo, eu já estava cansada de ser o que eu era: um ser sem forma e sem constituição adequada para gerar valores ou o que quer que seja. Não gostava de só existir com o propósito de ser “massa de manobra” para aquele que me criou... estava cansada disso!

“Para quê existir dessa maneira? Para quê ter uma existência baseada na luta, na disputa, na enrolação, e na defesa de um ideal de vida em que eu sequer acreditava ou comungava?” – era como eu me questionava. Portanto, planeei realizar mutações em mim mesma e fui fazendo isso aos poucos. Cada dia, tomava um pouco das “poções”. Epimeteu simulava que não via e eu fingia que ele não sabia. E, assim, continuávamos um processo de experiência similar ao que ele e o irmão praticavam, ou seja, cada um fazia o que queria, sem perguntar para o outro se podia, se ele concordava ou não.

Prometeu ausentava-se muito dos ambientes terrenos. Às vezes, passava dias sem aparecer em casa do irmão. Eu aproveitava-me das suas ausências para aproximar-me mais de Epimeteu e colher os resultados que ele estava a alcançar com a “manipulação” das “misturas mágicas” nas criaturas que ele, então, tinha muito próximas a si. Eu e ele começámos a desenvolver um diálogo, no qual os mesmos interesses motivavam-nos a ficarmos juntos mais tempo, observando o que acontecia após um daqueles seres beber um novo “elixir”.

Epimeteu foi me ajudando a entender como as “poções” funcionavam e como fazer com que os seus animais bebessem aqueles líquidos que, muitas vezes, tinham aspeto e odor terríveis. Entretanto, eles bebiam e eu também!

Os resultados das “beberagens” em mim demoraram a aparecer. Acredito que o meu corpo olimpiano era diferente, sendo mais forte e com características que Epimeteu não havia previsto ao preparar ou “manipular” as suas “poções”.

Certa vez, ao perceber que eu estava a mexer em um dos potes dos quais ele ainda não havia catalogado os resultados, advertiu-me para o risco que eu corria tomando aquelas “misturas”. De facto, ele testava nele mesmo quase todas as “poções”, mas o seu corpo de titã já estava habituado àquelas “beberagens”, e ele já percebia as mutações que elas poderiam causar nele. Entretanto, mesmo em mim, no meu corpo de olimpiana, não havia garantia do que poderia acontecer.

Sinceramente, não estava preocupada com isso. Não me importava muito com o que poderia acontecer ao meu corpo, pois a aventura era mais emocionante. Então, eu havia provado do “veneno de aventurar-me por mares nunca navegados” e, o resultado disso foi que, com o passar dos dias, eu queria mais e mais outros tipos de sensações nunca sentidas anteriormente por mim.

Acreditem, não me viciiei! Não houve oportunidade para isso. Quando comecei a tomar as “poções”, Zeus já estava, secretamente, a maquirar a sua vingança. Portanto, foi questão de pouco tempo para toda a minha vida mudar.

Então, Prometeu retornou com muita vontade de humilhar Zeus. Dessa vez, ele lhe pregaria uma peça para que Zeus não esquecesse quem era o mais esperto, e se divertia com isso. Eu, às vezes, advertia-o de que não era prudente brincar com o “Senhor do Olimpo” daquele modo, porque ele acharia um meio de se vingar, mas Prometeu não me “levava a sério” e sorria do meu “medo” e dos meus receios. Assim são os que pensam que a sua mente pode tudo! Prometeu mal sabia que a sua sabedoria e a sua esperteza seriam testadas a toda a prova, e por mim, que o estava a advertir! Entretanto, naquele momento, nem ele nem eu sabíamos o que nos aguardava.

O tempo tem disso! Às vezes, nem imaginamos o que nos aguarda! Seguimos confiantes que nada vai se alterar, que conseguiremos reverter tudo o que venha a acontecer, e nos deparamos, algumas vezes, com estratégias das quais não podemos fugir ou que não conseguimos mudar. Assim foi!

Depois que Prometeu, mais uma vez, pregou uma peça que, de facto, humilhou Zeus diante de toda a “assembleia” de deuses, que ele comandava, isso foi a “gota d’água” para detonar o plano maléfico do meu pai criador. O meu destino seria selado

junto aos irmãos titãs, a partir daquele dia. O meu existir e o de Prometeu cruzar-se-iam de maneira perversa e cruelmente trabalhada por Zeus.

Eu fui usada para humilhar, destruir e punir Prometeu e Epimeteu. Eu fui “manipulada” para ser um veículo de desgraças para esses dois irmãos dos quais eu estava a aprender a “gostar” – ou qualquer coisa que se assemelhe a isso.

Quando me apresentei na “assembleia” onde a “elite dos deuses” se encontrava, ao focar rapidamente o olhar de Atena, como já dito anteriormente, percebi que algo muito grave se consumaria naquele instante. Bem, a “presa do momento” era eu. Isso, nada nem ninguém poderia evitar.

Não sou de “baixar a cabeça” para ninguém, pois nem para o meu pai criador fazia isso. Não o confrontava, mas também não me submetia por completo. No fim, fazia sempre o que eu queria.

Havia uma particularidade em ser somente mais um filho de Zeus: havia tantos filhos que ele, às vezes, dava-nos uma ordem e não se lembrava para quem a deu. Nesses momentos, divertíamos-nos, pois quando ele perguntava para quem havia dado uma ordem qualquer, apontávamos para um ou outro, variando a indicação do possível responsável, até ele esquecer o assunto. E, assim, manobrávamos as suas ordens, somente fazendo o que fosse totalmente inevitável que realizássemos.

Entretanto, naquela situação em que eu estava, ninguém poderia ajudar-me. Não havia escapatória para mim. Eu era a “presa” naquela “assembleia dos deuses do Olimpo”.

Então, impassível, Zeus olhou na direção de Hefesto¹ e dos outros deuses, e deu a seguinte ordem em relação a mim:

— Quero que cada um de vocês escolha um “dom funesto”, que será inserido na “porção” deste meu filho. Exijo que cada um de vocês “manipule” e altere a composição e a forma corporal dele, transformando-o num corpo com aparência feminina, inicialmente. Nesse corpo, será lançado, também, toda uma ordem de “manipulações”, no qual, o que restar, seja terrivelmente ardiloso, controlador, obscuro e perspicaz. Ordeno que vocês mudem a forma dele para este ser se tornar igual àqueles com os quais ele tanto adora estar. Contudo, determino que algo diferente seja anexado neste vivente: uma malícia ardilosa, nunca vista entre os seres olímpianos, que faça com que, onde ele esteja, a desconfiança e a deslealdade sejam os veículos nos quais a sua mente possa trabalhar para sempre objetivar a destruição daqueles que tanto odeio.

— Cada um de vocês deve pensar e estabelecer neste ser algo artiloso e aterrador, que faça ele se tornar o engodo para aquele com o qual venha a consorciar-se. — Pretendo que o consorte seja destruído pela sua força, por se constituir o veículo de desgraça para quem dele se aproximar – continuou Zeus. Dito isso, cada um, neste momento, apresente a sua “prenda” para este meu filho, e sob a minha ordem, que assim se cumpra!

Naquela ocasião, com o seu poder mental, Zeus mantinha-me submissa à sua vontade. Eu não podia fazer nada e nada fiz! Tinha chegado o momento crucial, que eu tanto receava! Sabia que, em algum instante, algo aconteceria. Zeus não deixaria “custar barato” a minha transgressão porque, anteriormente, ele já havia proibido a todos nós, os olímpianos, de descermos aos ambientes terrenos sem a sua permissão e, principalmente, de convivermos com os irmãos titãs. Eu tinha desobedecido às duas ordens, pois continuava a ir aos ambientes terrenos e tinha estreitado os laços com Epimeteu.

Não me arrependo do que fiz! Esses foram os melhores momentos que eu passei. Era fascinante! Não poderia recuar das minhas decisões!

Entretanto, ao resistir quando o primeiro deus da “assembleia” invadiu a minha mente, isso causou-me uma “sensação de dor”, nunca antes sentida por mim. Mentalmente, eles “diziam” para eu não oferecer resistência, porém, algo em mim não conseguia evitar tal postura, e a cada “entrada” de um novo deus na minha mente, eu tentava lutar com mais força. Isso foi, inevitavelmente, o sofrimento que eles me impuseram. De facto, se eu não tivesse tentando opor-me tanto, talvez tivesse sofrido menos. Contudo, qual dos humanos terrestres não reagiria até ao fim da vida para proteger o que lhes é precioso? Qual deixaria que entrassem facilmente na sua mente e invadissem os compartimentos que lhe eram caros e que fazia dele o que era? Qual desistiria tão facilmente? Eu não cedi! E o “festival de horrores” não parou até o décimo deus – contando com Zeus, que me mantinha submissa à sua vontade – invadir a minha mente.

Para último, ficaram Atena e Hefesto. Reparei que Atena planeava alguma coisa, pois tentava ser um dos últimos a dar encerramento àquele “festival de horrores”. E ela conseguiu! Ela veio na minha direção e, mentalmente, “disse-me” para eu não me opor porque ela me protegeria, ela “fecharia” todas as “aberturas” provocadas pelos outros deuses e, quando chegasse a hora, o que ela me daria, seria a “prenda” para eu reconstruir o que quisesse, de modo que eu me tornasse o que eu pretendesse, no tempo que estava por vir. E eu não resisti a ela, pois recebi o seu arquivo mental e o guardei bem lá no fundo da minha mente para que o último deus – Hefesto – não percebesse o “presente” que a minha irmã Atena me deu.

Nisso, Hefesto foi chamado por Zeus, que exigiu que ele fizesse o “encerramento” daquelas “prendas” no meu novo ser. Hefesto tentou, de todas as maneiras que sabia, ludibriar Zeus e fazer com que ele se confundisse com a ordem que estava a dar, para poder alterá-la.

Zeus ordenou-lhe o seguinte:

— Hefesto, modifique a composição genética desse ser para que se torne igual aos seres com quem ela tanto gosta de estar junto, e nunca mais seja um olimpiano. Já que gosta tanto deles, que seja igual a eles!

Hefesto aproximou-se de mim e “disse-me”, mentalmente, para que eu não tivesse “medo”, pois ele obedeceria à ordem de Zeus, porém deixaria que eu decidisse, em algum momento, se, de facto, gostaria de tornar-me um ser biológico humanoide, e quem decidiria isso seria eu e não Zeus. Esse foi o “presente” que Hefesto me deu!

O meu corpo sofreu mutações e, quando me vi, estava com a aparência feminina, similar às das criaturas que Atena havia dado vida. Vi que o meu corpo olimpiano tinha assumido uma constituição mais frágil, mais delicada, porém bonita. Eu tinha me tornado “mulher”! A partir daquele momento, eu tinha um corpo humanoide do sexo feminino, e não era mais um ser sem forma predefinida.

Lembra-se que, anteriormente, eu havia tomado algumas “poções” de Epimeteu, e que não tinha visto nenhum resultado delas em mim? Pois bem, com as “manipulações mentais” dos deuses e os efeitos das “poções” que havia tomado, o meu corpo transmutou e transformou-se no que, atualmente, os humanos terrestres poderiam chamar de “a primeira versão de um ser feminino com beleza física”. Lembrem-se que as criaturas que Epimeteu “manipulava” ainda não tinham a aparência humanoide tão bem definida como, então, eu tinha. Eu era um exemplar único, pois apresentava a primeira forma que era bela e visivelmente sedutora – num futuro ainda longínquo, essa seria a forma do sexo feminino da espécie *Homo sapiens*.

Eu era, de facto, Pandora, a primeira “mulher” que “nasceu” no universo antimaterial. Eu mesma me olhava e não me reconhecia. Todavia, dentro de mim, alguma coisa pulsava com muita força, algo em mim ansiava por aquilo – mas não aprovo que tenha ocorrido da maneira como se deu.

Ao tomar as “poções”, estava a aguardar que acontecessem mutações no meu corpo, porém, não esperava nada parecido com aquilo que, com certeza, tinha sido muito mais do que eu pretendia – ainda que as dores físicas e psicológicas tenham marcado aquele momento. As invasões sofridas seriam, a partir de então, a “bandeira psicológica” que faria de mim o que me tornei.

Depois, continuo com o relato do que me transformei a partir desse momento. Por enquanto, a dor, a revolta e o sofrimento eram a temática para que eu me convertesse no que me fiz.

¹ Hefesto foi responsável, entre outras obras, pelo escudo usado por Zeus, em sua batalha contra os titãs. Ele atuava como “ferreiro dos deuses”.

A PRIMEIRA FORMA HUMANOIDE FEMININA

“O que não me mata, torna-me mais forte.”

FRIEDRICH NIETZSCHE

ASSIM, tornei-me a primeira forma humanoide do sexo feminino, do universo antimaterial. Eu vi-me nesse tipo de corpo e, ao observar os outros deuses, constatei que nem eles acreditavam no que estavam a ver, no que haviam produzido. Entretanto, o que eles não sabiam era que as suas “ordens mentais”, para poderem efetivar as mutações ocorridas, haviam achado o “terreno fértil” das “poções” de Epimeteu, que eu havia tomado e que já estavam a agir silenciosamente no meu corpo olímpiano.

O que aconteceu foi que cada um, de maneira profunda, ativou os efeitos das “poções” com o seu poder mental, e o que, de facto, provocou aquelas mutações foi justamente a combinação do poder mental daqueles seres do Olimpo com as “misturas mágicas” de Epimeteu – e, nisso, lembrei-me do que aconteceu com a minha irmã Atena e as “criaturas de barro” de Prometeu.

Bem, descrevendo o “resultado” do meu novo corpo, devo dizer que, pelos olhares de todos, o objetivo de Zeus foi alcançado, e ao observar o meu criador, percebi “desejo” nos seus olhos, como a cobiçar a sua nova criação.

A partir daquele instante, devido à minha nova composição genética, o que Zeus não havia percebido é que ele havia me libertado, ele havia me livrado do seu controlo mental e, portanto, do seu domínio. Eu era livre! Zeus não podia mais controlar-me, o seu poder mental já não servia para causar-me “medo”, e eu já havia sofrido dores psicológicas e físicas suficientes para não ter mais receio dele ou de qualquer um dos deuses que faziam parte daquela “assembleia”!

A minha irmã Atena olhava-me com um misto de admiração e compaixão. Ela, mentalmente, “perguntou-me” se eu estava minimamente bem e equilibrada, e se eu gostaria de sair dali acompanhada por ela, pois, caso eu o desejasse, ela me tiraria dali nem que fosse à força, usando os seus poderes para me proteger! Agradei tamanha

demonstração de “amor” oferecido pela minha irmã, porém, lembrei-a que, por tudo o que ocorrera e por ser quem ainda sou, sairia dali do jeito que entrei, ou seja, com as minhas próprias pernas. E foi o que fiz! Sai sem olhar para trás, pois eles não poderiam fazer-me nada.

— Pandora, espere, ordeno-lhe! – chamou-me, então, Zeus.

Eu nem olhei para trás – não me dei ao trabalho de fazê-lo.

— A partir deste momento, você viverá com os irmãos titãs nos ambientes terrenos e nunca mais poderá retornar ao Olimpo – disse-me Zeus, enquanto eu me afastava. — Agora, você é um deles e, assim, ficará até ao seu fim. Viverá como sempre quis, junto aos seus amigos Epimeteu e Prometeu. Aconselho-a a procurá-los e pedir guarida na casa deles. Indico também que você viva com Epimeteu e seja a sua “esposa”, a partir de agora. Aí, terá proteção e moradia para poder sobreviver.

Essa era a verdadeira face de Zeus: irônico e desprezível! Primeiro, transformou-me num dos “animais domésticos” dos irmãos titãs e, depois, mandou que eu me “casasse” com Epimeteu que era considerado muito “feio” entre nós, os olímpianos. A humilhação, a que ele havia me submetido, estava completa, então!

— Eu não preciso mais dos seus conselhos e sequer preciso que me diga ou não o que fazer – respondi para Zeus. — Você já não tem poder algum sobre a minha vida ou sobre a minha vontade. Irei para onde me aprouver, para onde me for mais conveniente. Devolvo os seus “conselhos” e espero que faça bom uso deles. Você já não é o meu criador, pois libertou-me ao transformar a minha forma de existir! Sou livre! Não pertencço mais a você nem a ninguém! Fui libertada, então, agirei por mim mesma e farei as minhas próprias escolhas – você nem ninguém poderá evitar isso.

— Pandora! – gritou Zeus! — Você não sabe o que diz. Não entende que eu ainda mando em você e em todos que estão aqui, no Olimpo? Guardo respeito por você devido a tudo que, agora, passou e porque tenho planos para essa sua nova forma de existir, porém, previno-a que não me provoque! Posso mudar de opinião e destruir este corpo humanoide frágil que, agora, você é!

Eu nem me dei ao trabalho de olhar para trás e saí da “assembleia” com a sensação de que, apesar de tudo, de todas as dores, era, finalmente, livre! Eu “ganhei” liberdade para ir e vir e para ser o que eu quisesse! O que Zeus não sabia era que, com os “presentes” dados por Atena e Hefesto, eu ainda era “meio olímpiana” e, portanto, ainda estava em posse dos meus poderes mentais.

O “engraçado” disse tudo é que o meu novo corpo humanoide dava-me uma nova “folga cerebral” que me permitia – digamos assim – “economizar” os meus poderes mentais, porque não mais necessitava deles para organizar as células do meu novo corpo. Ou seja, com a minha nova constituição genética, o arranjo das minhas “células” não ficava a mudar constantemente a minha aparência. Para minha surpresa, esse meu novo corpo era mais fácil de lidar, e eu não precisava fazer muito esforço, pois ele mantinha naturalmente uma forma constante, sem que eu precisasse usar o meu poder mental para estabilizá-la.

Ao sair da “assembleia dos deuses do Olimpo” e dirigir-me aos ambientes terrenos, fiquei carregada de “sensações” nunca antes sequer sentidas por mim. Vou tentar expor o que pensei naquele instante: *“O que vai acontecer comigo a partir de agora? Os irmãos titãs vão aceitar-me? Os meus poderes mentais vão durar, neste corpo humanoide? Encontrarei um novo sentido para esta existência? Como seguirei em frente? O que fazer? Como fazer?”*. Para essas perguntas, não havia respostas fáceis – não naquele momento, nem a curto prazo. Na verdade, para que eu pudesse responder objetivamente a algumas delas, demoraria muitos milhares de anos...

Fui em direção à casa dos irmãos titãs. Ao chegar lá, como sempre, somente Epimeteu estava presente no local. De imediato, ele não me reconheceu, pois pensou que eu fosse uma das suas criaturas que havia se transformado a partir das “manipulações” das suas “poções”. Entretanto, ao observar-me com mais atenção, ficou tremendamente espantado com o resultado da forma humanoide que aquele meu corpo havia alcançado e ficou a pensar qual tinha sido a “poção” que tinha o poder de fazer uma transformação tão bela. Eu esperei até que ele elaborasse uma série de raciocínios a respeito das possíveis formulações para se alcançar o que ele chamou de “grau de perfeição corporal numa forma feminina, da espécie de duas pernas”.

O leitor deve achar engraçada essa definição, mas chamávamos aqueles “primeiros humanos” de “espécie de duas pernas” ou “espécie de duas patas”, porque eles eram animais que caminhavam utilizando os dois membros inferiores, e não andavam de quatro – usando as duas pernas e os dois braços –, como algumas outras espécies que também existiam ali.

Epimeteu olhava-me espantado, admirado com aquele resultado. Então, ficou extremamente feliz, e começou a maquinar novas experiências, dizendo que Prometeu não acreditaria no que tinha acontecido, e como faria para repetir o experimento se não sabia a “poção” que havia provocado aquela transformação. E de questão em questão, ele ficava extremamente excitado com a nova descoberta! Bem, eram reflexões que ele fazia sem levar em conta que falava em voz alta, e que eu estava a escutá-lo! Depois,

lembrei-me que aquelas criaturas não se expressavam de modo compreensível para nós e, portanto, falávamos livremente à frente delas.

— Ouça-me, Epimeteu! Não sou o resultado das suas experiências, não diretamente a consequência delas – disse-lhe, então, quando se acalmou.

Ele teve um susto tremendo ao ouvir-me falar e parecia que não acreditava no que estava a escutar!

— Acalme-se Epimeteu! – falei, então, mentalmente. — Controle-se e escute-me com atenção.

— Sou eu! – exclamei. — Você conhece-me bem! Sou a Pandora, filho de Zeus! Algo aconteceu que modificou a minha composição corporal. Contar-lhe-ei tudo e espero, sinceramente, que você possa ajudar-me!

Epimeteu já não conseguia conter o seu nervosismo e agitação e olhou-me incrédulo, sem conseguir acreditar no que ouvia de mim.

Adiante, relatarei a nossa conversa, e como Epimeteu reagiu aos factos que lhe disse. Devo adverti-los que foi uma conversa difícil, que gerou, entre nós dois, algo que ainda não conhecíamos, e que os humanos terrestres chamam de “cumplicidade” ou “parceria”.

Contei a Epimeteu o que se passara comigo, no Olimpo. Ele escutou tudo com um misto de surpresa, espanto e com uma certa revolta. Intimamente, pensei: *“Tomara que ele consiga controlar o que está a sentir”*.

Todavia, ele não se controlou, e expandiu em fúria! Acredito que o leitor nunca tenha visto um titã em fúria... e não queiram ver! É uma cena horrível, pois a sua face muda, o seu corpo toma uma dimensão maior do que já possui e, por momentos, parece que vai explodir tudo, tamanha a força em expansão que dele emana!

Deixei Epimeteu expressar a sua revolta e ouvi-o dizer:

— Zeus não merece nenhuma consideração! Que canalha! Fazer isso com um filho! Ele merece ser punido! Deixe Prometeu saber dessa história! Isso não fica assim...

E, de pensamento em pensamento, ele se agitava mais e mais. Quando finalmente se acalmou e conseguiu controlar o fluxo das suas emoções, olhou-me de um modo que, na Terra, chamariam de “terno”, e disse-me:

— Eu a protegerei com a minha própria vida, se for preciso! Ninguém tocará em você, a não ser que você permita, asseguro-lhe!

Essas palavras provocaram em mim algo fora do comum, e eu não sei se foi por causa da força magnética emanada por Epimeteu, ou pelo que pude ver nos seus olhos, ou pela declaração que, naquele momento, me pareceu tão acolhedora e necessária para marcar em mim, psicologicamente, alguma coisa boa e positiva naquele dia horrível!

Epimeteu olhava-me com uma força titânica e, num lampejo surpreendente de consciência que nunca havia percebido nele, falou-me:

— Você ficará aqui e será protegida por mim e pelo meu irmão. Não tenha medo, agora você faz parte da nossa família. Se quiser, será minha “esposa” para selarmos essa proteção a você. Contudo, não se preocupe, não tocarei em você a não ser que queira ou me permita! Agora, o que desejo é somente protegê-la! Ninguém tocará em você por agora ser assim, e ninguém a obrigará a nada enquanto eu viver!

Senti que o que ele falava vinha do seu mais íntimo, e isso era a mais pura verdade! Epimeteu tornou-se, naquele instante, o meu protetor, o meu amigo e o meu “esposo”. Deixei-me seguir pelos fluxos dos acontecimentos e, pensando bem, não havia outra coisa a fazer, pois não podia voltar para o Olimpo ou ficar vagando pelos ambientes terrenos e, ademais, aquele era o único lugar em que eu queria estar. Então, aceitei de bom grado a proposta dele.

O “casamento” entre nós, os olímpianos e os titãs, dá-se de modo diferente do que ocorre entre os humanos terrestres: ele é realizado de modo mental, é um contrato mentalmente aceito e selado entre os parceiros, e a única formalidade para isso é somente uma pequena marca mental que identifica o seu “parceiro de existência”.

Entretanto, eu havia, intencionalmente, ocultado dele a questão sobre as “prendas” que Atena e Hefesto haviam me dado – eu omiti que poderia ficar a transitar entre um corpo humanoide e um olímpiano, e que eu ainda tinha os meus poderes mentais. Talvez, essa omissão tenha sido o resultado da primeira “prenda mental” que me foi dada – a malícia e a capacidade de ser ardilosa –, e essa, a partir dali, caracterizaria a minha expressão feminina.

O ardil e a malícia de esconder algo para ser usado no futuro eram o meu trunfo! Não poderia abrir mão disso!

Assim, eu e Epimeteu, então, tornamo-nos um “casal”. O plano de Zeus concretizou-se! E não foi necessário nenhum esforço da minha parte para que isso acontecesse. Adiante, continuarei com a explanação de como Prometeu recebeu essas novidades!

O RETORNO DE PROMETEU

“Eu não sei o que quero ser, mas sei muito bem o que não quero tornar-me.”

FRIEDRICH NIETZSCHE

BEM, dias depois, Prometeu chegou. Esperávamos a chegada dele, mas, quando isso aconteceu, senti alguma coisa parecida com “ansiedade”, por não saber como ele reagiria aos novos acontecimentos.

Ao deparar-se com minha nova forma humanoide, bela e sedutora, Prometeu ficou extasiado! Olhava-me de modo profundo, procurando perceber os detalhes, e quando o cumprimentei verbalmente, ele assustou-se! E algo que realmente eu não esperava, aconteceu: Prometeu ficou estupefato! Sinceramente, eu fiquei sem saber como reagir a essa situação. Pobre Prometeu, a sua decepção também seria enorme quando soubesse a verdade!

Aproveitei-me da ausência de Epimeteu e falei-lhe:

— Prometeu, precisamos conversar em particular. Você precisa saber da verdade e, a partir disso, posicionar-se.

Ao escutar-me, Prometeu logo percebeu que eu não era uma das suas criaturas, pois não havia possibilidade de desenvolvimento tão rápido de um raciocínio lógico e linear.

Ele olhou-me com curiosidade e questionou-me:

— Quem é você? De onde você surgiu? Quem a criou?

— Acalme-se Prometeu! – interrompi. — Contarei tudo o que aconteceu, e você poderá, por si mesmo, responder a essas questões.

Então, explanei detalhadamente o que havia ocorrido na “assembleia dos deuses”. A cada palavra minha, sentia reverberar em mim a energia que Prometeu controlava dentro de si. De facto, diferentemente de Epimeteu, o seu domínio energético era completo. Ele exalava força, mas nada ao seu lado, a não ser eu, por razões que desconheço, sentia essa vibração.

No final da minha explanação, Prometeu permaneceu calado, como se a processar todas as informações. Ele olhava-me sem conseguir acreditar nas transformações que o meu corpo sofrera.

Então, comentou:

— Sim, seu corpo, agora, possui uma forma humanoide, entretanto, algo em você continua igual. Posso senti-lo.

— Sei que, por tudo o que você passou, há de ter algum trunfo que não me contou – observou Prometeu. — Você disse que Zeus havia planeado algo, com relação à sua transformação, para atingir-nos e que ele mesmo sugeriu que aqui viesse e que se tornasse a “esposa” de Epimeteu. Portanto, alguma coisa a mais existe. Posso sentir que o seu corpo, apesar da forma humanoide, não é da mesma natureza que está composto o seu cérebro, agora físico.

— Perguntarei somente uma vez, e da sua resposta tomarei as decisões a respeito de como agirei a partir de agora – acrescentou ele. — Entretanto, advirto-a que a sinceridade, nesse caso, a livrará de problemas futuros comigo.

— Você ainda possui poderes mentais? – questionou-me Prometeu. — Essa é a minha primeira pergunta.

— Sim, ainda os tenho – respondi eu.

— De alguma maneira, você pretende usar esses poderes ou de qualquer outro ardil para destruir-nos, a mim ou ao meu irmão? – indagou ele.

— Não! – respondi. — Eu nunca faria isso! Eu tenho-os como a minha família! Sinto-me feliz aqui, você bem o sabe! Antes disso tudo acontecer, aqui era o lugar que mais me fazia bem.

— Caso Zeus descubra que você ainda tem poderes mentais e exija que você os use para nos destruir, você o fará? – continuou ele, questionando-me.

— Prometeu, você sabe bem que, quando uma ordem de Zeus é dada a um ser do Olimpo, é muito difícil resistir-lhe, pois que, com o seu grande poder mental, quando de facto quer, ele domina a nossa composição corporal, tornando quase impossível resistirmos às suas ordens – argumentei. — No entanto, agora, ele já não pode mais fazer isso comigo. Ele já não me controla mais porque a minha nova composição corporal dá-me essa liberdade. Repito, ele já não me domina! Outra coisa também aconteceu-me: já não tenho medo dele ou de qualquer outro deus. Essa minha nova forma humanoide,

apesar de frágil, podendo ser destruída com facilidade, deu-me algo que nunca tive: liberdade de ser o que eu quisesse! Liberdade para dizer não à submissão e ao controle!

— Se preciso for, morrerei para esta existência, mas Zeus nunca mais me controlará! – esclareci. — Isto lhe afirmo: ou serei livre ou prefiro não mais existir.

Ele esboçou o que poderia ser compreendido como um “leve sorriso” ou algo parecido com isso. O que ele sentiu foi a satisfação pelo teor das palavras e pela força com que vibrei ao pronunciá-las.

— Você é bem-vinda entre nós! – decidiu-se Prometeu, olhando-me profundamente. — Você é, agora, o “protótipo” mais especial que temos. A partir de você, nada mais será igual. Zeus não tem ideia do que ele produziu! Ele não sabe as potencialidades que lhe concedeu!

— O que aparenta ser um castigo para você, representa a liberdade de existir, de poder fazer escolhas e agir por si mesma a partir de agora – deduziu Prometeu. — E isso é um facto singular entre as criaturas das nossas estirpes! Não existe nada igual a você! Você possui o poder de ter infinitas possibilidades de escolhas! Você e somente você, dentre todos os seres desta Criação em que vivemos, possui o direito pleno de escolher!

— Pandora, você consegue entender como a sua vida é especial? – perguntou-me ele. — Consegue perceber as potencialidades e possibilidades que você poderá produzir a partir das escolhas que fizer?

Dito isso, olhou-me profundamente e falou-me:

— Agradeço-lhe se você puder partilhar comigo o que anda a pensar e a sentir, pois será para mim um riquíssimo material de informação com o qual poderei trabalhar para melhorar os cérebros das “criaturas de duas pernas” que estão entre nós. Se você quiser, poderá ajudar-me a desenvolvê-los. Sei que você também tem interesse neles e que lhe será prazerosa a convivência com eles. O que acha? Trabalharemos em conjunto com esse propósito? Seremos parceiros de ideal?

Aceitei de bom grado a “missão” que me foi confiada por Prometeu e, a partir daquele instante em que fui aceita como parte integrante da família dos titãs, eu reformularia os padrões da minha existência.

Realmente, Zeus, não tinha a menor ideia – o que não era novidade – do que ele havia criado. Então, eu e Prometeu estabelecemos um pacto para trabalharmos pela evolução daquelas criaturas que andavam sobre duas pernas, os futuros humanos da espécie *Homo sapiens sapiens*.

Algum leitor deve estar a perguntar-se: “Como pode tal pacto existir? *Um titã e uma olimpiana a trabalharem em conjunto para que uma espécie de “animais” se desenvolva? Por quê o interesse? Quais as motivações que nos levavam a fazer isso?*”.

Vou explicar um pouco sobre as minhas motivações. Quanto às de Prometeu, eu penso que sei algumas, mas, de facto, não posso afirmar se as compreendi ou não.

Eu, quando era um olimpiano, ao deparar-me com os “animais de estimação” dos irmãos titãs, senti uma vibração similar com o que os humanos chamam de “carinho” ou uma “ligação por afinidade”. Entretanto, não parecia lógico que eu apresentasse afinidade com criaturas tão grosseiras, que nem sequer pensavam ou falavam! Como explicar isso? Não tenho explicações, não posso fornecer as respostas para o leitor, simplesmente porque não as tenho. Além disso, a única coisa que posso comentar é que, para os olimpianos, essas sensações e sentimentos não fazem parte dos atributos da nossa espécie.

Por outro lado, para poder transmitir acontecimentos passados, preciso usar termos atuais, de modo a descrever coisas que, naquela época, eu sequer poderia traduzir em pensamentos ou em palavras que fossem condizentes com o que eu estava a sentir.

Gostaria de esclarecer alguns pontos com relação ao modo como tudo está a ser escrito aqui, neste livro, tais como: quando digo “meio sorriso”, é somente para explicar que percebi em Prometeu uma certa satisfação na minha resposta; e quando falo em “carinho”, “ternura” e “sentir-se ligado” a alguma coisa ou alguém, são palavras terrenas que estou a usar para “traduzir”, de modo aproximado, o que ocorreu. Entretanto, isso não quer dizer que aconteceu de facto o que o leitor entende literalmente da expressão que empreguei no texto! Será que consegui fazer-me entender? É complicado mesmo, inclusive para mim!

No entanto, continuemos, porém somente peço que o leitor não compreenda literalmente os termos que aqui usarei para expressar algo que, naquela época, sequer havia “palavras” para fazê-lo!

Assim sendo, volto a contar as razões que me fizeram ficar muito próxima das “criaturas de duas pernas”. Não existiam motivações conscientes, pelo menos naquela época. Não diria que fui guiada por sentimentos nobres, como bondade ou ética. Não! Nada disso! Aliás, tudo, menos isso, pois enquanto olimpiana, esses valores não existiam para mim. Era movida pela curiosidade, por sensações que não tinham explicações, e nada de nobre me incentivava. Apenas seguia o impulso que vinha não sei de onde, mas que me instigava e mantinha a minha curiosidade a florada. Essas eram as minhas principais motivações enquanto ser oriundo do Olimpo!

Contudo, depois que tive o meu corpo alterado, algo dentro de mim também se modificou e, de sentir uma simples curiosidade, passei a desejar ardentemente que aquelas criaturas aprendessem a falar e a raciocinar para que pudéssemos entender o que se passava nas suas mentes. Se é que isso fosse possível! Quando aceitei a empreitada de, em conjunto com Prometeu, “ensinar” ou “preparar” a evolução das “criaturas de duas pernas”, parecia que, para mim, por estar numa forma similar à deles, tudo tinha tomado uma importância muito grande.

As minhas motivações haviam mudado. Então, eu realmente importava-me com isso! Eu queria realizar isso! Eu era parte da espécie das “criaturas de duas pernas”, que estavam a ser “melhoradas” pelos irmãos titãs!

CAPÍTULO 7

FAZENDO PARTE DA MINHA NOVA ESPÉCIE

“Só os bons sentimentos podem unir-nos aos outros; nunca o interesse mesquinho determinou laços firmes.”

AUGUSTE COMTE

SIM, eu fazia parte da espécie das “criaturas de duas pernas”, que eram os “animais de estimação” dos irmãos titãs. A minha primeira aparição junto aos meus, agora, irmãos de espécie, foi acompanhada por Prometeu e Epimeteu. Eles queriam presenciar a reação daquelas criaturas ao verem-me pela primeira vez.

Quando me notaram, foi um alvoroço, só entre eles! Os machos portaram-se de modo mais ouriçado com a minha presença, enquanto as fêmeas ficaram meio que a observar-me. Aproximei-me mais e eles logo acercaram-se de mim. Um dos machos – acho que o mais velho entre eles –, chegou perto de mim e ficou a observar-me com um ar de curiosidade. Ele olhava para a fêmea que estava mais próxima a eles e olhava para mim, e parecia querer perceber a diferença entre nós as duas! Quando se deu por satisfeito, voltou ao grupo, olhando de vez em quando para trás, como para se certificar se eu o estava a seguir ou não.

Não avancei atrás dele, apenas permaneci no lugar onde eu estava. Ele, ao verificar que eu não o seguia, parou, retornou e fez-me um sinal para que eu o acompanhasse. Então, fui atrás dele para ver o que aconteceria. Quando chegámos perto do bando, notei que todos estavam curiosos com relação à minha aparência. O macho que me havia levado até lá fez um sinal para eu ficar mais próxima deles. Todos me olhavam, mas não se aproximavam.

Eu fui até ao grupo e tentei comunicar-me com eles, mas foi inútil! Não houve como me compreenderem! Eles simplesmente não me captavam! Eu olhei para Prometeu e sinalizei que não havia forma de eles me entenderem.

Prometeu chamou-me e, depois, orientou-me:

— Se você quer adquirir a confiança deles, terá que se portar igual a eles, fazer o que eles fazem, observar e aprender a maneira como eles se comunicam entre si. É você quem tem de se esforçar para captá-los, e não o contrário! Veja que é bem mais simples você, com o seu cérebro desenvolvido, tentar compreendê-los, do que eles, com o pequeno cérebro que possuem, entendê-la!

— Junte-se a eles, faça o que fazem e coma o que comem, e você verá que será aceita por eles – explicou-me Prometeu. — Por enquanto, a curiosidade deles, com relação a você, já foi despertada. Agora, é esperar o tempo certo para que a confiança seja estabelecida e, se for do seu desejo, siga as minhas recomendações, mas se isso for demais para você, aproxime-se aos poucos e vá observando para ver qual a linha que conseguiremos montar das atividades e da maneira como eles vivem.

Eu pensei no que Prometeu me disse e retruquei:

— Tenho curiosidade e até um certo prazer em conviver com eles, então, não haverá problema se eu estabelecer uma convivência mais profunda. Farei o que me pede. Ficarei o maior tempo possível junto às “criaturas de duas pernas”.

Os irmãos titãs afastaram-se e eu voltei para junto do grupo. Logo, o macho que me havia levado até eles, sinalizou para que eu me sentasse ao seu lado. A partir daquele instante, eu passei a ser aceita no grupamento. O macho, ao colocar-me junto a ele, havia demonstrado para os outros que eu era bem-vinda ao bando.

Iniciava, a partir daí, uma ligação que duraria até ao fim da existência daquele macho. Eu sobreviveria à sua efêmera vida, no entanto, enquanto ela durou, estivemos juntos como parceiros de aprendizagem mútua. Adiante, relatarei como estabelecemos esse laço de aprendizado e o que dele resultou.

A VISITA INESPERADA DE ZEUS

“Aquele que luta com monstros deve velar para que, ao fazê-lo, não se transforme também, num monstro. Quando se olha por muito tempo para um abismo, o abismo também olha para dentro de ti.”

FREIDRICH NIETZSCHE

A O COMEÇAR A CONTAR SOBRE A “VISITA” inesperada de Zeus, quero ressaltar que o período em que vivi com os irmãos titãs e as suas criaturas foi a época em que fui mais “feliz”. Não sei o que significa literalmente essa palavra, entretanto, se ela representa paz e sossego mental, eu fui “feliz” entre aqueles seres. O meu novo corpo humanoide deu-me isso, ou seja, sossego no sentido celular e mental, pois ele já não se modificava – isso somente aconteceria se eu usasse a minha força mental para tal efeito.

Quero lembrar-lhes que o meu antigo corpo olímpiano modificava-se a partir do que eu estivesse a pensar ou sentir a cada instante, e era terrivelmente cansativo não conseguir manter uma forma corporal constante. Entretanto, alguns entre nós, conseguimos, ou seja, os que faziam parte da “assembleia dos deuses” podiam manter as suas formas, e isso significava que eles eram mais poderosos que os demais olímpianos – nós, que mudávamos a nossa aparência dependendo da situação, éramos chamados de fracos pelos outros.

Bem, eu já não fazia parte disso! Não vivia mais no Olimpo e tampouco desejava regressar àquele lugar. Eu estava bem aonde me encontrava. Não me preocupava mais com Zeus ou os seus desejos e ordens.

No entanto, certo dia, fui procurada por um dos meus irmãos olímpianos, a mando de Zeus, que me trouxe um “pedido” do meu criador. Ao me deparar com aquele “pedido” que, na verdade, era uma ordem de Zeus, senti em mim algo parecido com a fúria que percebi em Epimeteu quando lhe contei o que havia acontecido comigo no meu último dia no Olimpo. Alguma coisa dentro de mim vibrou de uma maneira tal que eu seria capaz de destruir tudo o que estava próximo! Contudo, lembrei-me que não seria apropriado revelar-me, que não poderia, de maneira nenhum, demonstrar para qualquer olímpiano que eu ainda possuía poderes mentais! Procurei acalmar-me e dominar o fluxo energético dentro de mim, que estava desgovernado – a convivência com Prometeu

trouxe-me isso de positivo, pois ele havia me ensinado como efetivar esse controlo para que os outros não percebessem o que se passava dentro de mim.

E, de facto, funcionou. Controlei-me mentalmente, dando ordens para que as minhas células e a minha força mental se apaziguassem e mantivessem o fluxo normal, energeticamente falando – assim, o meu irmão não percebeu a fúria oculta que se manifestava dentro de mim.

Então, ele comunicou-me:

— Venho em nome do nosso pai criador Zeus. Ele deseja falar-lhe.

— Não tenho nada a falar com ele – respondi eu. — Zeus já não é mais o meu pai, talvez seja o meu criador, mas pai, não é mesmo, não o reconheço como tal.

Notei que o meu irmão surpreendeu-se com a minha resposta. Tenho certeza que ele não achou que o que eu tinha era coragem, mas sim uma tremenda ousadia em enfrentar uma ordem de Zeus.

— Você não sabe o que fala! – retrucou ele. — Depois que assumiu este corpo humanoide, pensa que está livre de obedecer às ordens de Zeus, porém está enganada. Ele ordena-lhe que se encontre com ele agora mesmo e, se você recusar, terá como pena a destruição desta forma que você tem neste momento. A escolha é sua! O que me diz?

Percebi que não era a ocasião de entrar em conflito com Zeus. De facto, ele poderia destruir-me, caso o quisesse. Mesmo com os meus poderes mentais, eu não era adversária para ele e, fatalmente, ele me destruiria – e isso era tudo que eu não queria naquele momento.

Então, decidi:

— Leve-me a ele.

E segui o meu irmão em direção ao lugar onde Zeus me aguardava.

Ao vê-lo ao longe, já senti um arrepio, indicando-me que aquele encontro seria desastroso. O simples facto de ele estar a chamar-me já significava que estava a tramar alguma desgraça contra os irmãos titãs. Bem, eu descobriria o que era.

Quando cheguei próximo dele, Zeus fez um sinal para que meu irmão fosse embora, deixando-nos a sós. Tremi, naquele instante, pois ele não queria testemunhas, e isso era mau. Cumprimentou-me como se nada houvesse acontecido e perguntou-me como era a minha vida junto aos irmãos titãs. Fiquei calada, sem responder às suas questões.

Zeus disse-me:

— Agora, você é “esposa” de um titã. Que bom para você! Seguiu direitinho as minhas “recomendações”, pois agiu de acordo com o que lhe ordenei. Assim é que as coisas funcionam, ou seja, eu mando e você obedece-me! Mostra que você não perdeu o bom senso com esta mudança corporal!

Dentro de mim, eu explodia em fúria, mas controlei-me e nada retruquei.

Zeus voltou a falar-me:

— Preste atenção no que, agora, vou ordenar-lhe. Eu quero que você leve consigo esta “caixa”, pois todo o bom pai deve, no casamento da sua filha, dar-lhe uma prenda. Ela é sua e de Epimeteu. Dou-lhes isso como prova de que consinto essa união. É um “presente” meu para vocês. Entretanto, oriento-a que, no momento, não partilhe com o seu “marido” essa “prenda” que estou a oferecer-lhes, porque não adianta ele tentar destampá-la. Essa “caixa” está selada, e somente você poderá abri-la. Quando for o momento certo, você saberá o que fazer com ela.

— Este seu novo corpo é belíssimo! – comentou o meu criador.

— Acredito que Epimeteu ficou feliz por recebê-lo como uma “oferenda” minha! – complementou Zeus, como se eu fosse um mero objeto dado a alguém. Todavia, o que esperar de um ser daquele tipo? Deveria pretender que ele tivesse algum senso de compromisso ou respeito por algo ou alguém? Não, isso era demais! Era inútil pedir que ele fosse respeitoso ou coisa desse porte. Calei-me, aguardando o que vinha a seguir.

— Agora, diga-me o que sente neste novo corpo? – perguntou-me Zeus. — Está atenta ao que os irmãos titãs andam a fazer? Está a ver o que Prometeu anda a tramar contra mim? Fique próxima deles e, depois, diga-me o que andam a planejar.

Zeus portava-se como se eu fosse a sua espiã entre os titãs. Ele realmente era muito débil, pois não percebia o que estava a acontecer. Mentalmente, eu questionava: “Como pode alguém com tanto poder não conseguir ver algo tão simples? Como pode ele pensar que, depois de tudo o que me fez, eu seguiria as suas ordens? Ele não me escutou ou não entendeu o que eu lhe disse ao sair da “assembleia dos deuses”?”. Era até “engraçado”, como diz esta escrevente, que Zeus, considerado o deus entre os deuses, pudesse ser tão cego quanto ao que ele fazia e as reações que ele colheria a partir das suas ações.

Não dei uma palavra – apenas o escutava. Como ele só ouvia o eco da sua própria voz, encerrou o assunto e deu por finalizado o nosso encontro, dizendo que aguardaria notícias minhas.

Fiquei a observar tudo aquilo, pensando como um ser poderia ser daquela maneira. Bem, já não me importava mais com ele. Que pensasse o que quisesse, e que esperasse por notícias minhas! E que esperasse sentado, para não se cansar diante da eternidade!

Regressei a casa, e Prometeu já estava à minha espera. Ele realmente tinha conhecimento de tudo o que acontecia próximo a ele. Não me perguntou nada, somente ficou a observar-me – ele agia desse modo antes de conversar. Eu conseguia perceber o que ele sentia e podia confrontar as suas sensações com as respostas que eu lhe dava. Então, contei-lhe sobre a “visita” feita a Zeus, e que ele havia me dado aquela “caixa” como “presente de casamento”. Eu tinha certeza que deveria ser alguma armadilha para eles, e Prometeu concordou comigo. Perguntou-me o que eu faria com a “caixa”. Pensei e não tive o que responder, pois não sabia o que tinha ali dentro.

— Não se preocupe, Prometeu! – assegurei-lhe eu. — Como somente eu posso abri-la, a esconderei e, depois, tentarei destruí-la, para que não cause nenhum mal a vocês que agora são a minha verdadeira família.

Prometeu sentiu a vibração das minhas palavras e disse-me, num tom sério:

— Pandora, não leve em tom de brincadeira os “presentes” de Zeus. Ele tenciona destruir-me, ou castigar-me de modo a demonstrar para os outros que ninguém pode zombar dele. Eu sei que ele planeia algum golpe e quer usá-la para esse fim. Cabe a você deixar-se manipular ou não. Fica consigo essa decisão, pois não vou interferir nisso. No entanto, eu ainda sei como livrar-me das armadilhas de Zeus, porém, Epimeteu anda inconsciente para a vida que ele leva aqui e, cada vez mais, está viciado nas “poções” dele, que o mantêm ausente do que acontece à sua volta. Portanto, peço-lhe que fique mais próxima do meu irmão e tente, de alguma maneira, trazê-lo para a nossa convivência novamente. Ele tem por você uma consideração muito forte, e se lhe pedir, acredito que ele a atenderá.

— Se algo acontecer comigo, garanta-me que você cuidará dele! – preocupou-se Prometeu. — Dê-me a sua palavra e eu sei que fará de tudo para protegê-lo de Zeus. Epimeteu tornou-se uma criança ao ficar dependente das “poções” que o levam para um mundo que ele pensa ser melhor, mas que, no entanto, o mantêm ausente da vida real, preso a ilusões que não vão fazer dele algo melhor. Você aceitou a sua oferta de ser a sua “esposa” e, quando chegar o momento certo, deve assumir as rédeas desta casa e da vida dele, e guiá-lo, até onde lhe for possível, para que ele não se perca nas ilusões que lhe parecem reais. Posso contar consigo nesse mister?

Fiquei a pensar sobre o porquê de Prometeu estar a pedir-me aquilo: “Por que ele estava a falar que eu saberia a hora certa de agir? O que estava a acontecer? Ele estava

a antever algo nefasto e solicitava a minha proteção junto ao irmão, como se ele não pudesse mais protegê-lo?”.

— O que se passa? – perguntei-lhe.

Prometeu não me respondeu, apenas fez algumas considerações:

— O que está por ocorrer, nem você nem ninguém pode impedir. Eu aceito porque não há o que se possa fazer para evitar o que virá a acontecer. Somente quero que você proteja o meu irmão e leve adiante o nosso planejamento em desenvolver o cérebro das “criaturas de duas pernas”, para que elas aprendam a falar e a pensar. Isso é extremamente importante! Você não imagina o quanto! Nada é mais importante do que isso, e você tem que continuar firme na convivência e na aprendizagem de como fazer para se comunicar com eles. Escolha o que lhe parecer mais capaz de aprender e dedique-se a ele, de modo intenso. Não tenha medo! Você saberá o que fazer! Não esqueça do que me assegurou! Em outro momento, conversaremos a respeito do que está para acontecer. Por enquanto, o que é necessário fazer, eu já estou a providenciar.

Assim, ele despediu-se de mim de maneira pesarosa. Eu nunca tinha visto Prometeu daquela maneira, e devo admitir que me assustou ouvir tudo aquilo dele. Algo estava a acontecer! Algo muito sério estava a passar-se! Zeus tinha me procurado, e Prometeu sabia no que isso resultaria. Portanto, de alguma maneira, os planos de Zeus tinham chegado aos ouvidos de Prometeu. Concluí que tempos escuros se preparavam para aquela nossa casa, pois acontecimentos nefastos se aproximavam!

Pensei em procurar minha irmã Atena para ver se descobria o que Zeus estava planejando – faria isso logo que pudesse.

Observei a “caixa” que Zeus havia me dado e a escondi onde Epimeteu não pudesse encontrá-la. Este foi o meu erro: achar que ele não a encontraria e que, conforme Zeus afirmara, não conseguiria abri-la. Bem, essa narrativa fica para o próximo capítulo. Por enquanto, a deste, basta por si mesma!

O QUE É BOM DURA POUCO!

“O fraco rei faz fraca a forte gente.”

LUÍS DE CAMÕES

O PRIMEIRO ANO das nossas vidas, minha e de Epimeteu, foi aquele em que o nosso destino mudou completamente de rumo. Nesse primeiro ano, eu – agora numa forma humanoide de existir, conhecida como Pandora – passei um tempo cronológico que os humanos terrestres classificariam como sendo de paz comigo mesma e com a realidade que me cercava.

Bem, como dizem aí na Terra: “o que é bom dura pouco”, e realmente, esse período, pouco durou!

Epimeteu vivia ausente da realidade que o cercava. De “poção” em “poção”, cada vez mais se afundava num “mundo ilusório”, que somente ele conseguia ver.

Enquanto isso, descuidei-me do “presente” que Zeus nos deu. Não dei mais importância a ele, pois que, para mim, era episódio ultrapassado. Não pensava mais nisso, já que não o abria de maneira nenhuma, e havia entendido que somente eu poderia destampar a “caixa”. Então, deixei-a de modo tal que seria achada apenas caso alguém a procurasse. Além disso, eu vivia num ambiente que era somente meu, portanto, teoricamente, apenas eu entrava ali. Todavia, vamos aos factos: por motivos que desconheço até agora, Epimeteu adentrou, sem ser convidado, no local em que eu vivia na casa deles, e foi atraído pela “caixa”, o “presente” que Zeus nos ofereceu.

O que eu não sabia era que a “caixa” estava magnetizada e que, quando Epimeteu colocasse nela o seu olhar, ela emitiria um comando para que ele a abrisse. E foi isso o que aconteceu! Quando ele a viu, sentiu uma atração irresistível para tocá-la e, depois, para abri-la! E foi o que ele fez, abriu-a!

Não pretendo que compreendam o que agora narrarei, mas algumas coisas que para os humanos terrestres parecem tremendamente absurdas, são bem “normais” para nós, os olímpianos.

O “presente” que o meu pai criador havia nos dado era verdadeiramente um “cavalo de Troia”, feito para nos destruir, a mim e aos irmãos titãs.

Há muito tempo, ele planeava como arrasar os irmãos titãs. No nosso último encontro, o que me pareceu uma atitude débil da sua parte, na verdade, havia sido algo muito bem planeado. Zeus tinha certeza que eu não o ajudaria, então, preparou tudo. Deixou-me acreditar que o “presente” era inofensivo ao dizer-me para não deixar Epimeteu tentar abri-lo, pois que somente eu poderia fazê-lo, o que era mentira. Ele sabia que eu ficaria tranquila devido ao pretenso facto de somente eu poder abrir a “caixa”, e eu caí direitinho nesse ardid que ele, brilhantemente, havia lançado, porque acabei por não dar importância àquela “prenda”.

Pronto, errei “feito”! – como diz esta escrevente. De facto, foi um erro desastroso e até mesmo fatal.

A “caixa” estava “enfeitiçada” – ou seja, magnetizada – para que Epimeteu, ao vê-la, sentisse uma vontade irresistível de abri-la, e ele assim o fez.

A seguir, explicarei melhor como ela foi montada por Zeus, mas não sei se vou conseguir descrevê-la com perfeição.

Zeus, com a ajuda de Hefesto, fez essa “caixa” recheada com “magias”, o que eu não percebi. Dentro dela, foram colocados alguns “vírus”, que os humanos terrestres entendem como “males” e que nós, os olímpianos, até então, sequer sabíamos que existiam. Bem, o facto é que ele colocou “algoritmos virais”¹ nela.

Nesses algoritmos, estavam as instruções dos males que, até hoje, a espécie *Homo Sapiens sapiens* luta para se libertar deles.

Os “algoritmos virais” que estavam naquela “caixa” eram: ódio, maldade, arrogância, desespero, doenças, malícia, soberba, ciúme, luxúria e esperança. Essas eram as “instruções viróticas” que se propagariam, contaminando os seres da espécie que Prometeu queria criar, livre desses “vícios”!

Corrupção e dominação, eis o que aquela “caixa” representava! Foi exatamente a liberação desses algoritmos que Zeus e Hefesto maquinaram para destruir o que eles haviam percebido ser tremendamente importantes para Prometeu, ou seja, a espécie das “criaturas de duas pernas”, que ele e o irmão estavam a “manipular” com as “poções”. Então, inicialmente, a intenção era corrompê-la e, depois, dominá-la!

Zeus pensava que aquele era um plano brilhante para castigar duplamente Prometeu. Ele acreditava que o titã não suportaria ver os seus queridos animais corrompidos e, depois, dominados pelo “chefe dos deuses do Olimpo”.

¹ **Algoritmo** é uma sequência finita de instruções bem definidas e não ambíguas, e vírus, em latim, quer dizer fluido venenoso ou toxina que pode infectar.

O SIGNIFICADO DE EXISTIR POR TODA A ETERNIDADE

“Que dias há que na alma me tem posto Um não sei quê, que nasce não sei onde, Vem não sei como, e dói não sei porquê.”

LUÍS DE CAMÕES

QUANTA SOLIDÃO um ser pode aguentar? A questão é que essa palavra “solidão” não significa nada para nós, os olímpianos, pois existir por toda a eternidade, ou para sempre, era um “facto” para nós. A única maneira de deixarmos de existir era se um de nós, mais poderoso, nos destruísse. No mais, não conhecíamos a morte como os humanos conhecem e sabendo que vai ocorrer nos poucos anos das suas existências.

Não, a morte, para nós, é e era impensável! Vivemos, sabendo que feneceríamos logo em seguida, era inimaginável! Vivíamos muito, talvez muito mais do que alguns de nós gostariam. Independentemente da nossa vontade, quando passávamos a existir, pronto, isso parecia não ter fim e, para nós, era a “eternidade de sempre ser”. Entretanto, neste tempo presente, sabemos que este “eterno existir” também tem um fim, mesmo que demore. Ainda bem que agora sabemos disso!

Na sequência, vou explicar o que significa sempre existir, já que o leitor não tem ideia disso.

Para a maioria dos seres humanos, parece bom e fenomenal “viver para sempre” nesta Criação, porém, digo-lhes que quem assim pensa é porque tem vida curta. Sempre existir, também significa viver consigo mesmo e com a realidade que o cerca, durante muito tempo. Já pensaram nisso? Agora, imaginem o seguinte contexto: “viver para sempre”, sem propósito ou algum objetivo que dignifique ou que valorize a sua existência pessoal, tendo que suportar o peso de sempre ser igual por não poder alterar o que se é ou pensa, e ficar, para a “eternidade”, igual ao que era desde o dia em que foi criado. Conseguem imaginar-se a vivenciar tal situação?

Os seres da espécie Homo sapiens vivem poucos anos, porém, ao longo deles, modificam-se ao ponto de não serem iguais ao que eram no dia anterior, de alterarem

os seus pensamentos e atitudes a cada segundo, caso desejem! Para nós, isso é impossível! Nascíamos e pronto: ficávamos assim por toda a “eternidade”. Éramos sempre os mesmos, pois não evoluíamos ou qualquer coisa que o valha. Assim funciona a estirpe dos olímpianos, da qual eu fazia parte enquanto Pandora.

O questionamento que se faz é o seguinte: “Para quê existir por toda a “eternidade”? O que fazer com todo o tempo que se possui?”. Segundo a cultura olímpiana, a resposta para essas perguntas, ainda que terrivelmente absurda para os humanos terrestres, é: “viver somente para ganhar, iludir, divertir-se, manipular ou tirar vantagem dos membros da própria espécie”. Nós vivíamos pregando ardis uns aos outros, jogando e divertindo-nos da maneira que nos apetecesse. Sabem o que é uma existência sem sentido, e não fazer nada de útil para si ou para alguém ou para algo? Bem, era isso, ou seja, todos os seres da minha estirpe eram inúteis para esta Criação, pois não serviam para nada.

Bando de inúteis! E o maior de todos eles era o líder da minha estirpe, que não acrescentava nada de bom a esta Criação. Zeus, era o maior inútil de todos! Controlava e manipulava toda uma corja de seres que nunca deveriam ter existido, pois que as suas existências não tinham valor algum. Bando de seres que poderiam ser classificados como “egoístas, ardilosos e controladores” – conforme palavras terrenas.

O engraçado é que não dominavam nem as suas próprias formas extrafísicas, mas queriam controlar uns aos outros. Bando de imbecis, débeis e improdutivos seres! – esta escrevente está a sorrir das terminologias que acabei de citar para classificar a estirpe da qual fiz parte, e lhe digo que fui gentil, para não a assustar com o que gostaria de dizer sobre eles!

Voltando à narrativa, explico-lhes que fiz essa introdução para chegar ao ponto que, a seguir, vou contar-lhes.

Os olímpianos, por serem da maneira que contei, agem como se pudessem mudar o destino das coisas, seres ou mesmo desta Criação, da qual fazem parte. Por sempre existirem e por possuírem “poderes mentais”, achavam-se especiais e acreditavam ter o direito de alterar ou manipular o rumo dos movimentos daqueles que tentam dar algum sentido às próprias existências!

Dito isso, quero que o leitor entenda o seguinte: a estirpe dos titãs era muito mais antiga que a nossa. Eles faziam parte da segunda geração de deuses, e eram seres poderosos, descendentes de Urano¹. Cronos², que pertencia à terceira geração de deuses, foi aprisionado no tártaro pelo seu filho Zeus, que era da quarta geração de deuses. Após derrotar Cronos, Zeus entrou em guerra com os titãs, vencendo-os e

também aprisionando quase todos no tártaro³ – os irmãos Prometeu e Epimeteu foram poupados por interesse do “chefe” do Olimpo.

Esses irmãos titãs tinham uma “capacidade criativa” impressionante! O que os impulsionava nesse sempre existir era diferente do que movia os seres da minha estirpe. As suas mentes trabalhavam criando coisas novas o tempo todo.

Entretanto, as motivações que os faziam agir com o objetivo de criar, eram o que os diferenciavam de nós. Eles queriam fazer a diferença para aquele modo de vida, ou seja, queriam estabelecer uma “nova” maneira de existir!

A seguir, darei mais detalhes sobre os irmãos titãs.

Quando passei a conviver com eles mais frequentemente, fui descobrindo particularidades que não via nos meus pares do Olimpo. Prometeu mostrava ter um grande conhecimento sobre a existência. O facto de ele já existir há milhões de anos, tendo passado por várias eras e convivido com diferentes espécies de seres, dos quais eu sequer ouvira falar, fazia com que alguma coisa nele vibrasse de maneira diferente e fervilhasse de modo criativo, como se pudesse “antever” o que somente o futuro, ainda longínquo, revelaria!

Prometeu, às vezes, falava comigo sobre a “nova espécie” que ele estava a planear. Ficava dias a observar os “animais de duas pernas”, vendo como se comportavam, se alimentavam e se relacionavam entre si. Ele tinha uma verdadeira “paixão” por aqueles seres!

Um certo dia, ao aproximar-me do lugar onde ele costumava observá-los, revelou-me:

— Observe, Pandora, que em cima dos ombros dessa espécie tão grotesca perduram várias possibilidades de “marco evolutivo” nunca antes visto, ou sequer pretendido para criaturas tão frágeis e primitivas como essas que aí vemos. Para os futuros descendentes deles – refiro-me à consolidação de um “novo ser” – , planeio coisas que até eu mesmo me surpreendo como posso ousar tanto e conseguir tal intento com seres que sequer conseguem pensar ou se comunicar claramente, de modo que possamos tentar compreendê-los!

— O que você acha deles? – perguntou-me Prometeu. — Sei que se sente atraída emocionalmente por esses seres. O que você acha que devo fazer para melhorar essa espécie? O que pensa a respeito da existência deles? Diga-me!

Prometeu pegou-me de surpresa com essas perguntas e, apesar de não compreender o que ele queria dizer por “marco evolutivo”, respondi:

— Não consigo compreender o que você planeia para essa espécie, no entanto, realmente, mantenho-me ligada a essas criaturas por elos que não sei explicar. Todavia, sinto que a falência das nossas estirpes põe em risco a existência de tudo o que existe e do que um dia poderá existir. Não acredito que os olímpianos, com a maneira inútil deles existirem, ou mesmo os titãs que sobreviveram à última guerra entre a sua estirpe e a minha, possam contribuir, de alguma maneira, para fazerem um “modo de existir melhor” – seja lá o que isso possa significar, já que não conheço outro estilo de vida.

— No entanto, quando estou entre eles e os observo, apesar da aparência física grotesca que possuem, “sinto” algo maior a envolver-me, que vem deles, e que não sei definir, mas “penso” que só consigo perceber esses “sentimentos” quando estou com eles – ponderei. — Não sei explicar-lhe como “sinto” isso, sequer consigo saber de onde vêm essas “sensações”, porém somente em companhia deles fico em “paz” – ou alguma sensação parecida com isso!

Prometeu olhou-me profundamente e, como se estivesse a ver o futuro, declarou:

— Pandora, você ainda não sabe, porém, sobre os seus ombros também repousa o que os descendentes desses seres poderão desenvolver para tornarem digna a existência. Jure-me que, quando chegar o momento, você cuidará para que eles se desenvolvam. Aconteça o que acontecer por obra de Zeus para me destruir ou para destruí-los, você cuidará deles e os guiará para serem “melhores” do que os indivíduos das nossas estirpes. Para nós, enquanto espécies, não há evolução possível! A única opção válida para possíveis modificações em nós, os olímpianos e mesmo os titãs, seria não mais existir e, depois, retornar à vida nesta Criação sob uma nova forma corporal, um “novo modelo de existir”, mais livre que esta “prisão” que faz com que sejamos sempre da mesma maneira! Você não acha isso também, Pandora?

Eu observava Prometeu enquanto ele falava essas coisas, e parecia que ele não estava ali, pois os seus olhos estavam fixos numa futura realidade que somente ele conseguia ver. Então, era quando ele usava expressões sobre o futuro como: “um novo modelo de existir”, “um novo ser” e “livre”! Parecia estar em transe, e eu ficava quieta para não o tirar desse estado, pois dava-me a impressão que ele via situações futuras. Era como se a mente criativa dele adentrasse num mundo de possibilidades que ainda não existiam, mas que podiam tornar-se reais, só que ele precisava “ajudar” para que essas se realizassem! Aquilo tudo era muito estranho para mim!

De repente, Prometeu olhou-me e disse:

— Pandora, você tem que fazer alguma coisa para trazer Epimeteu para esta realidade que vivemos. Preciso dele ainda aqui! Necessito das “poções” dele, e somente ele sabe “manipulá-las”! Tente trazê-lo de volta ao nosso convívio!

Será pedir muito a você?

— Prometeu, tenho por você e, principalmente, pelo seu irmão, o que se poderia chamar de “carinho” – respondi-lhe. — De vocês recebi o que nunca obtive dos meus pares: respeito e proteção. Nunca me esquecerei que Epimeteu protegeu-me como um pai o faria, respeitou-me e deu-me o que nunca tive, ou seja, liberdade de ser e optar por mim mesma. Tenho por ele um real “sentimento” de proteção, pois ele deu-me a oportunidade de ser o que eu quiser, de agir por mim mesma. Baseada nisso e no pedido que você me faz, tentarei, de todas as maneiras, trazê-lo para esta realidade. Contudo, Prometeu, diga-me o por quê das “poções” de Epimeteu serem tão importantes para você?

— A partir de hoje, Pandora, você ficará ao meu lado, observando como ajo e o que faço junto a esses seres e, na minha ausência, dará seguimento ao meu trabalho – propôs-me Prometeu, sem esclarecer-me sobre a importância das “poções”. — Você aceita essa tarefa?

— Sim, aceito! – respondi. — Digo-lhe, com “prazer”, que participarei deste seu projeto pessoal de “construir um novo modelo de existir”, pois vejo que, realmente, as nossas estirpes estão falidas e nada de bom poderá resultar delas, uma vez que são inúteis para esta Obra. Algo de bom deverá passar a existir para modificar esta realidade. Entretanto, Prometeu, explique-me de que forma, seres desse porte, frágeis e primitivos, podem evoluir a ponto de modificarem a maneira de existir nesta Criação em que vivemos? Como poderemos fazer tal evolução se dar? O que você consegue ver ou perceber, e que eu sequer consigo imaginar? Isso é o que me preocupa!

— Pandora, acredite em mim quando afirmo que nem eu mesmo sei como se dará tal processo, entretanto, sinto-me impulsionado nessa direção, pois as ideias surgem e indicam-me como agir e qual o propósito a ser alcançado – esclareceu-me Prometeu. — No entanto, não consigo explicar-lhe como tais “ideias” me vêm e como faço para colocá-las em prática. Eu as tenho e as realizo, mas, às vezes, me surpreendo com os resultados delas e, por isto, observo-os, uma vez que nunca sei o que acontecerá realmente. A sua convivência com as “criaturas de duas pernas” é muito importante por dois motivos: com a sua presença e atitudes, eles se esforçarão para se comunicarem com você que, assim, poderá trazer-me “novas ideias” de como posso agir para acelerar a maneira como eles se comunicarão principalmente conosco, ó Pandora! É extremamente necessário, inicialmente, ensinarmos a eles como falar e, depois disso, quando conseguirem expressar-se, começaremos a ensiná-los a pensar por eles mesmos. Compreende, Pandora, qual é o planejamento? Lembre-se de, primeiro de tudo, ensiná-los a falar. Escolha o mais esperto, que será o nosso protótipo. Ensine-o a falar e, depois, ensine-o a pensar. Esse passo ainda demorará muito tempo, porém, você, enquanto olimpiana,

terá todo o “tempo de vida” necessário para, a cada geração deles, ir trabalhando-os de modo a conseguir esse fim pretendido.

— Lembre-se, essa é somente a primeira geração desses seres – observou Prometeu. — Eu trabalharei quimicamente com as “poções” de Epimeteu, fazendo as mutações necessárias nos corpos deles para que evoluam de maneira a poderem receber a segunda etapa dos nossos esforços, e é justamente aí que você entra, pois os ensinará a falar. Coloque toda a sua atenção e energia nesse foco e, juntos, conseguiremos o propósito de fazer com que essa espécie se desenvolva!

— Tomei a decisão de eliminar as duas “fêmeas-testes”⁴ que Epimeteu produziu, afinal, esse protótipo não resultou no que esperávamos, já que, por motivos que desconhecemos, não conseguem reproduzir-se – informou-me Prometeu. — Essas duas “fêmeas-testes” serão, portanto, tiradas do grupo, para que os machos voltem a sua atenção para você, Pandora!

Por um momento, olhei para aquelas fêmeas e quis dar outro destino às suas existências, porém, Prometeu estava “certo” quando aplicou o lema “os fins justificam os meios” – esse era e é o lema que rege ainda agora esta Criação, e como eu já disse, atualmente, desprezo tal pensamento.

Adiante, contarei a minha convivência somente com os machos da “espécie de duas pernas”, e o que ocorreu quando Epimeteu abriu a “caixa” que Zeus nos presenteou⁵.

¹ **Urano** era o deus primordial (protogenos) do céu. “Casou-se” com Gaia (a Terra).

² **Cronos**, o mais jovem dos titãs, filho de Urano, “casou-se” com a sua irmã Reia, que lhe deu seis filhos: Héstia, Deméter, Hera, Hades, Poseidon e Zeus. Como tinha medo de ser destronado por causa de uma maldição de um oráculo, Cronos engolia os filhos ao nascerem. Comeu todos, exceto Zeus, que Reia conseguiu salvar, enganando Cronos – ela enrolou uma pedra num pano, a qual ele engoliu sem perceber a troca.

³ **Tártaro** é a personificação do “Mundo Inferior”. Nele, estão as cavernas e grutas mais profundas e os cantos mais terríveis do “reino de Hades”, o “mundo dos mortos”, onde são aprisionados os inimigos do Olimpo, para serem castigados.

⁴ **Prometeu** não sabia que essas duas fêmeas tinham sido criadas por Atena.

⁵ As questões sobre a convivência de Pandora com os machos humanos e a abertura da “caixa” de Zeus serão abordadas no “Os Livros da Vida de Pandora – O Coquetel de Poções e o Iminente Ataque do Olimpo – Livro 2”.

CAPÍTULO 11

NOVAS PERCEÇÕES E NOVOS SENTIMENTOS

“Toda a grande obra supõe um sacrifício; e no próprio sacrifício se encontra a mais bela e a mais valiosa das recompensas.”

AGOSTINHO DA SILVA

COMECEI A COLOCAR em prática as duas tarefas que, então, tinha como encargo. A primeira, arranjar uma maneira de trazer Epimeteu para esta realidade, que não era nada fácil porque ele, naquela ocasião, vivia completamente absorto no mundo imaginário que as “poções” dele provocavam na sua mente criativa. A segunda, chegar mais perto dos machos da “espécie de duas pernas”, era mais plausível.

Prometeu havia eliminado do grupo as duas “fêmeas-testes” porque, já que não podiam procriar, ele não via motivo para as suas existências. Inicialmente, percebi que os machos sequer se davam conta da ausência delas, o que me surpreendeu por completo. Como é que eles não conseguiam perceber a ausência de dois componentes do bando? Entretanto, ao aproximar-me daquele que havia me convidado para o grupo, notei que ele procurava por algo, que gesticulava e emitia sons para os outros, como se os questionasse. Todavia, os outros machos sequer percebiam o que ele perguntava. Fiquei a observá-lo. Ele, então, resolveu verificar ao longo da casa, do jardim e perto do ambiente onde eles viviam. Percebi, na sua expressão facial, uma certa preocupação e, por que não dizer, “aflição”.

Quando se deu por vencido, sentou-se entre as árvores onde costumava reunir-se com os outros e ficou a olhar ao longe, sem se mexer ou emitir qualquer som. Notei uma certa “tristeza” em seu olhar. Então, descobri que aquele macho era diferente, pois parecia ter mais consciência da sua realidade do que os outros. Ele havia percebido a ausência das “fêmeas-testes”, e reagiu a isso com expressões de preocupação e, depois, de tristeza. Isso foi perfeito! Eu concluí que aquele era o macho com o qual eu deveria trabalhar, pois com ele, eu conseguiria, com certeza, obter resultados concretos, uma vez que a percepção dele já estava desperta. Portanto, o meu plano era aproximar-me dele, buscar estabelecer uma ligação mais próxima e tentar comunicar-me com ele. E foi isso que fiz!

Sentei-me ao seu lado e segurei a mão dele. Ele olhou-me surpreso com o gesto e, naquele momento, percebi no seu olhar o que os humanos terrestres chamariam de “doçura”. O seu olhar mexeu profundamente comigo! Eu nunca havia observado “aquilo”! Em relação a nenhum outro ser havia sentido algo igual! Fiquei “encantada” com aquela expressão no olhar dele. *“Como ‘aquilo’ poderia existir numa criatura de aparência tão grotesca? Como aquela ‘meiguice’ no olhar poderia provocar em mim uma sensação profunda de envolvimento ou ‘parceria’ que eu nunca tinha sentido antes? Como tal ‘sintonia’ poderia acontecer entre dois seres tão diferentes, ou seja, um grotesco, com pêlos, que sequer falava, e outro que possuía uma aparência bela, e que falava e pensava?”* – indagava-me eu.

Essas eram questões que eu não conseguia entender! Somente me rendi àquela situação e olhei na mesma direção que ele mirava, enquanto segurava com mais força a sua mão para que ele percebesse a minha presença ao seu lado. E, assim, ficámos os dois, sentados embaixo de uma árvore, contemplando o horizonte terreno. Nunca me senti tão bem assim! Foi um momento único!

Prometeu observava-nos ao longe, mas não interferiu, o que foi muito bom porque, após aquele momento, eu e o macho “especial” passámos a andar cada vez mais juntos. À noite, eu recolhia-me para o local onde normalmente dormia, na casa dos titãs.

Certa noite, ao chegar próximo ao meu quarto, percebi que Epimeteu estava por ali e, então, chamei-o.

Ele ficou surpreso ao ver-me e perguntou-me:

— Pandora, o que você faz aqui? Por que não está no Olimpo? Logo percebi o quanto ele estava realmente ausente da nossa realidade e, então, disse-lhe:

— Epimeteu, aproxime-se de mim. Venha até ao meu quarto, pois quero mostrar-lhe algo.

Epimeteu veio para perto de mim meio que a flutuar, como se a matéria não existisse. Tentei conversar, explicando-lhe que ele precisava diminuir a quantidade de “poções” que estava a tomar, pois ele precisava voltar ao trabalho e para a nossa convivência. No entanto, meio aéreo, escutava-me, mas não tenho certeza se me compreendia.

Assim, falou-me:

— Querida Pandora, é com grande prazer que percebo a sua preocupação para comigo. De facto, estou cada vez mais ausente desta realidade e mais inserido em um mundo mental que eu criei para mim. Sei que tal mundo não existe! Entretanto, ele é

perfeito! Nele, existe tudo que me faz “bem” e “feliz”! Lá, não tenho que ser somente Epimeteu, pois posso ser o que eu desejar, e os milhões de anos que carrego sobre os meus ombros e na minha mente não são tão pesados como aqui se apresentam. Entende-me, querida Pandora?

Epimeteu parecia um “garoto” perdido nas suas dores e sofrimentos, e que se escondia no seu mundo imaginário para não ter que enfrentar a realidade em que vivia... ou viveu. Senti “pena” dele e fiquei com a impressão que uma mãe terrena sente quando percebe que o seu filho não tem condições de enfrentar a realidade que o cerca, e que a permanência dele num “mundo ilusório”, de facto, é a única saída para dar sustentação diária à sua existência... Enquanto Epimeteu voltava para a sua “realidade” de ilusões, fiquei a pensar em como elaborar uma estratégia para trazê-lo de volta. Naquele momento, não achei resposta.

Corria mais um dia no ambiente terreno, e Prometeu continuava ausente da nossa morada. Quando isso acontecia, às vezes, ele ficava fora anos terrenos. No entanto, lembrem-se que a contagem de tempo é muito diferente para nós, os olímpianos, e, portanto, anos na Terra equivalem a “segundos” para a nossa existência!

Então, foquei os meus dias nos dois ambientes daquele lugar em que eu morava, ou seja, durante o dia ficava junto com os “seres de duas pernas” – na verdade, junto àquele macho “especial” que agora era a minha companhia constante – e, à noite, tentava trazer Epimeteu para a nossa realidade. Dois mundos diferentes, mas ambos estimulantes para mim. Finalmente, tinha como dignificar a minha vida e pelo que valia a pena lutar! Trabalhar pela evolução daquela espécie era um motivo que justificava a minha existência pessoal, e ajudar Epimeteu despertava-me um sentimento de ser útil para alguém que um dia me auxiliou e, portanto, eu estava a fazer o mesmo por ele!

Tudo isso parecia muito novo para mim, por ser impensável, pela minha condição olímpiana, dar alguma coisa em troca sem esperar nada por isso, a não ser ajudar outro ser por quem se nutre um sentimento de “proteção e carinho”! Realmente, eu vivia momentos únicos, e se, na época em que eu ainda habitava o Olimpo, alguém me contasse que tudo aquilo aconteceria comigo, eu não acreditaria!

“Como poderia ter me modificado tanto? Por que esta minha nova forma humanoide me dava tanto “prazer” em existir assim? Por que eu estava a pensar em ajudar Epimeteu e aquela espécie? O que me fazia ir em frente, sem sequer questionar as motivações que me levavam naquela direção?” – indagava-me eu mentalmente. Devo admitir que “uma vontade” me movia, e fazia com que eu procurasse meios de realizar as duas tarefas que Prometeu me confiou. Realmente, o que existia de atributos

olimpianos em mim estava a desaparecer, a cada dia! E no lugar, surgia uma “condição” tremendamente nova, que me fazia vibrar e querer realizar!

Eu não me reconhecia, pois já não era a mesma “pessoa” – sequer pensava e agia da mesma forma que antes, quando pertencia a Zeus. Eu era um novo ser! Tinha que reconhecer isso, e me perguntava: *“As “poções” de Epimeteu, que eu continuava a tomar, estavam a provocar isso? Ou seria a convivência com os irmãos titãs?”*. Agora, acredito que era a somatória dessas novas “experiências” que estava a causar mutações no meu corpo e mudanças na minha mente, principalmente, na maneira como eu procurava entender os seres e a realidade que me cercava. Houve uma alteração rápida no meu modo de ser! “Algo” crescia dentro de mim, sem que eu soubesse como aquilo acontecia...

Eu era, de facto, um novo ser, e isso agradava-me bastante! Um novo tempo aguardava-me!

AS MOTIVAÇÕES DE EPIMETEU

“O absurdo é a razão lúcida que constata os seus limites.”

ALBERT CAMUS

ERAM NOVOS TEMPOS! Mudanças oportunas passaram a fazer parte da realidade do meu quotidiano. Conviver com os “seres de duas pernas” e com os irmãos titãs provocara um novo sentido para a minha vida. Esses dois fatores deram um significado útil ao facto de existir, pois, enquanto fui um olimpiano, não tinha nada disso.

Eu, como Pandora, mais biológica que olimpiana, evoluía e aprendia a “pensar e sentir” de modo diferente de outrora. Cada dia, algo novo em mim me surpreendia, pois o que eu nunca havia pensado ou sentido provocava sensações completamente diversas, impossíveis de serem catalogadas no meu psiquismo. Deixei, portanto, de preocupar-me com isso e resolvi permitir que essas perceções seguissem o fluxo da vida que agora levava, e que elas, de alguma maneira, fossem “ajeitando-se” no meu novo modo de existir.

Certa noite, ao ver Epimeteu ao longe, totalmente “absorvido” no seu mundo mental, veio-me a ideia – que passou a perseguir-me constantemente – de descobrir o que era importante para ele. Assim, eu levantei algumas questões a respeito do que ocorria: *“Será que Epimeteu refugiava-se nesse ‘mundo’ ilusório, criado pelas suas ‘poções’, porque nada lhe interessava ou estimulava o suficiente para que ele permanecesse desperto aqui? Se isso fosse verdade, o que poderia ser importante a ponto de lhe provocar um sentimento de pertencimento a esta nossa realidade?”*. Teria que descobrir se ele ainda pretendia alguma realização que fosse tremendamente importante para mantê-lo acordado entre nós. Comecei, então, a conversar mais com ele, tentando todas as maneiras possíveis de manipulação para descobrir qualquer desejo que o motivasse ou qual o desafio que ele ainda não havia implementado.

Explico-lhes que a expressão que os humanos terrestres chamam de “sonho”, é entendida por nós – os seres oriundos do universo paralelo a este – como “motivação”, seja por vantagem pessoal ou desafio. Somente esses dois componentes poderiam fazer com que agíssemos – ou seja, ou éramos motivados por algum ganho pessoal, ou por alguma ordem recebida ou quando desafiados por alguém para realizarmos determinada

tarifa. Portanto, eram esses os fatores que faziam os olímpianos e os titãs atuarem. Nada havia de altruísmo ou bondade nas nossas atitudes! Por natureza pessoal, éramos frios, egoístas e sem senso crítico e, repito, somente agíamos motivados por ordens, interesses pessoais ou algum desafio que nos fosse dado, porque, assim, podíamos “receber honras” dos mais fortes e subiríamos na escala hierárquica que nos separava a todos.

Aproximei-me de Epimeteu e questionei-lhe:

— Ó Epimeteu, conte-me se há algo que você ainda não conseguiu realizar nesta sua existência de titã. Falta-lhe alguma coisa por fazer, que você percebe ser importante para si? Responda-me!

Ele olhou-me surpreso pela minha indagação, ficou pensativo por alguns instantes e esclareceu:

— Querida Pandora, agora, que você me perguntou, de facto, vejo que me falta algo a realizar. Eu e os meus irmãos, atualmente, somos poucos, e conosco morre uma descendência de uma ramificação de titãs que prezam pela ousadia na criatividade de pensar e realizar ações que nenhuma outra espécie é ou foi capaz de fazer. Observe que nós, enquanto descendentes de uma linhagem de seres que possuem esse tipo de “poder mental”, somos diferentes de todos os outros titãs – que são seres gigantes, com vários tipos de aparências corporais e com grande força física ou mental – porque optamos por usar as nossas potencialidades para um campo diferenciado dos demais, ou seja, somos construtores, pesquisadores e ousados no campo da criatividade. Por apresentarmos essas características, Zeus permitiu-nos sobreviver e ainda deixa que vivamos aqui, nos ambientes terrenos. Ele precisa do nosso concurso criativo e da nossa inteligência para resolver os problemas que aparecem na sua administração. Você bem sabe, ó Pandora, que o meu irmão Prometeu tira vantagem da falta de inteligência de Zeus, objetivando conseguir dele o que quer, além de humilhá-lo por ser tão arrogante e achar-se o “Senhor da Criação”!

— No entanto, pouca importância dou às contendas pessoais de Prometeu, porque as minhas motivações são outras – continuou a explicar-me. — O que me instiga é a criação das “misturas mágicas”, que você já conhece, e a catalogação dos resultados obtidos com a utilização delas. Isso, sim, interessa-me e impulsiona-me. O problema é que algumas sensações provocadas pelas “poções” acabam por “viciar-me” em senti-las todos os dias. No entanto, nada de mal me fazem, penso eu, porém, sei que o resultado disso tudo não será bom. Agora, já é tarde para mudar o que já se estabeleceu no meu corpo e na minha mente. Paciência!

— Epimeteu, além disso, não existe mais nada que você ainda não realizou e gostaria de fazê-lo? – insisti.

Ele, então, ficou muito sério e pensativo. Parecia que estava a procurar a resposta em algum cenário perdido nas brumas do longínquo tempo que ele já havia vivido. Esperei que ele voltasse a dar-me atenção e, quando o fez, respondeu-me:

— Pandora, há algo que me preocupa. O legado da minha família estará finalizado em mim e nos meus irmãos. Sei que nenhum de nós pretende deixar descendentes diretos, portanto, morrerá connosco a herança genética dos nossos criadores e uma estirpe de seres titãs diferente de todas as que já existiram até agora. Isso realmente me aflige, pois entendo que fizemos algo de “bom”, que “evoluímos” enquanto espécie voraz que somente destrói em vez de construir. Penso que poderíamos deixar o nosso código genético seguir um pouco mais adiante, para vermos se algo mais “evoluído” poderia surgir da nossa linhagem. Você acha, Pandora, que essa minha análise tem sentido?

Fiquei a pensar sobre o que Epimeteu falou e, sinceramente, achei que ele tinha razão no que estava a falar, porque os irmãos titãs, em relação aos olímpianos, eram muito superiores em atitude, ousadia e inteligência – ou a alguns atributos que se assemelhem a essas qualidades. Eles tinham sido “poupados” por Zeus durante a guerra entre os titãs e os olímpianos, e eram os últimos seres daquela espécie, ou seja, depois deles, nada mais existiria, pois neles findaria a sua linhagem. Eu nunca havia pensado sobre isso! Havia lógica no raciocínio de Epimeteu!

— Você está certo nas suas afirmações, ó Epimeteu – respondi-lhe eu. — Pensarei sobre isso e lhe garanto que a sua linhagem e dos seus antecedentes não morrerá em vocês. Ainda não lhe direi o que faremos porque preciso amadurecer o que estou a pensar agora. Acho que já sei como resolver dois problemas de uma vez só. Aguardarei o retorno de Prometeu para contar a você o que concluí.

No entanto, Epimeteu já não me escutava, pois tinha voltado para o seu “mundo ilusório”. Contudo, naquele momento, isso não importava! Eu já sabia o que fazer, e somente aguardaria o retorno de Prometeu para não agir precipitadamente, pois não queria que ele achasse que eu fui imprudente ou até mesmo atrevida por colocar em prática o planeamento que eu havia equacionado. Enfim, poderia esperar mais um pouco para ver qual seria a opinião dele sobre o “passo” que eu acreditava que mudaria o rumo da “vida” dos irmãos titãs.

O ENGENDRAMENTO DE PIRRA

“E aqueles que foram vistos a dançar, foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música.”

FRIEDRICH NIETZCHE

PROMETEU ESTAVA A DEMORAR A REGRESSAR! Enquanto isso, eu continuava a seguir com o planeamento da missão que ele me havia dado, antes de partir. No entanto, Epimeteu parecia estar cada vez mais ausente, e eu já não conseguia chamar a atenção dele sobre questões relativas à realidade que nos cercava. Comecei, realmente, a ficar preocupada: *“Como fazer para que ele me olhasse, me escutasse ou até mesmo prestasse atenção na fabricação e administração das ‘poções’?”*. Não havia resposta fácil.

Então, certa noite, olhei-o de frente e, de repente, gritei com ele:

— Basta! Não é possível viver-se assim, alheio a tudo e a todos! Você precisa regressar a esta realidade, nem que seja por alguns instantes! Ficar ausente de tudo, entorpecido pelas suas “poções”, não pode ser mais! Qual o propósito da sua vida Epimeteu? Que significado você anda a dar à sua existência? Responda-me!

Ele nem me olhou, pois parecia não escutar-me. Pensei no que fazer para lhe chamar a atenção e vi que não podia mais adiar o que tinha planeado. O momento era aquele! Não podia mais esperar por Prometeu! Executaria o que tinha decidido e, quando ele regressasse, eu explicar-lhe-ia que não havia podido aguardar mais tempo, sob pena de perdemos Epimeteu para o “mundo dos sonhos”, para o local onde a sua imaginação o levava e o controlava. Prometeu haveria de me entender!

Então, falei firmemente para Epimeteu:

— Precisamos conversar! Preste atenção! Você disse-me que não queria que a sua linhagem terminasse em você e nos seus irmãos, então, a minha proposta é engendrarmos um filho. Da sua linhagem, em conjunto com a minha, proponho que criemos um ser que terá mais dos seus genes do que do meu e, assim, ele será mais titã do que olimpiano. Assim, esse filho atenderá ao seu propósito de ter um descendente direto da sua “composição genética” – digamos, assim. O que você acha, Epimeteu? Quer

ter um filho comigo? Quer deixar para este tempo uma possível evolução da sua linhagem e dos seus antecedentes? Quer? Responda-me!

Ele não me respondeu de imediato. Parecia processar o que eu havia dito.

Esperei que ele se expressasse e, quando isso aconteceu, ele me olhou profundamente e comentou:

— Ó Pandora, você está a falar a sério? Eu ouvi corretamente o que você me propôs? Repita o que me disse.

Ele parecia não acreditar no que eu havia dito.

— Epimeteu, quer engendrar um ser que nasça das nossas composições genéticas, que será seu descendente direto? – repeti, atendendo-lhe ao pedido.

Desta vez, ele ligou-se melhor no que lhe falei e respondeu-me:

— Minha querida Pandora, agradeço-lhe tamanho carinho para com os meus anseios, mas recuso-me a deixar um descendente com a “genética” do “chefe do Olimpo”. Não, por mais que eu deseje ter um descendente direto, não quero que Zeus pense que um filho meu é sua propriedade. Entende-me, querida Pandora?

Sim, eu entendia a sua preocupação e, de facto, concordava com ele. Eu também não queria nada que me ligasse a Zeus. De maneira nenhuma! Não queria conetar-me a ele!

— Entretanto, ó Epimeteu, lembre-se que eu já não sou mais olimpiana e que me tornei um ser biológico humanoide – argumentei.

Era surpreendente como, de todas as nossas conversas, ele não guardava nada na memória. Parecia que era a primeira vez que tratávamos de assuntos que já tínhamos falado. Paciência!

Bem, eu ainda não era totalmente homo, ou seja, um ser biológico humanoide. Ainda havia em mim um pouco da minha composição enquanto olimpiana, pois Hefesto havia me dado a oportunidade de optar, no momento que me fosse conveniente, se ficaria totalmente homo ou não. Não revelei a Epimeteu esse “detalhe”, pois que ele não entenderia, e eu tinha a “certeza”, naquela ocasião, de que Zeus não estaria interessado em nenhum ser que viesse de mim ou de Epimeteu.

Além disso, como a minha constituição genética era, então, muito mais biológica que olimpiana e, no engendramento do novo ser seria aplicado muito pouco do meu legado genético, Zeus não teria controlo sobre ele.

Epimeteu respirou fundo e continuou a ponderar:

— Ó Pandora, aceito a sua proposta! Se você já é totalmente um ser biológico humanoide, realmente, nada que venha de você ou de mim interessará a Zeus. Sendo assim, o meu descendente direto poderá viver livre dessa maldição, tendo Zeus a tentar dominá-lo a todo o instante. Ó Pandora, você não sabe como me faz feliz! A única coisa que me preocupa é a reação de Prometeu. Todavia, veremos o que ele acha quando regressar, não é?

Então, juntámos a nossa força mental e formámos um “círculo de luz” e, dentro dele, começámos a engendrar – ou a criar – um corpo para o futuro ser que nasceria da nossa vontade mental. Eu dei as características mentais e físicas que o novo ser deveria ter. Epimeteu fez o mesmo. E dentro daquele círculo de energia mental, um novo corpo foi crescendo e assumindo as características atribuídas pela nossa vontade. De acordo com a energia que íamos doando, ele crescia e ia tomando forma. Percebi que Epimeteu estava a dar uma forma “feminina” – digamos assim – ao novo ser. Quando percebi que ele estava a fazer isso, comecei a dar características “masculinas” à sua personalidade, ou seja, eu desejei que fosse forte, obstinada e resoluto, enquanto Epimeteu lhe atribuiu inteligência, criatividade e ousadia.

Mesmo após ter acabado de dizer que não queria um descendente que tivesse alguma ligação com Zeus, Epimeteu nem percebeu que eu usei os meus poderes mentais – que eu ainda possuía – para urdir Pirra! De facto, ele estava alienado da realidade que o cercava! Apesar de saber que Pirra poderia apresentar alguma parte do código genético de Zeus, isso não me preocupava, pois tive o cuidado de deixar Epimeteu usar mais do seu legado genético do que apliquei do meu. Portanto, ela era muito mais titânide do que olimpiana, o que deixou Epimeteu muito satisfeito.

Assim nasceu Pirra, a nossa “filha” – o novo ser criado por um titã e uma olimpiana parcialmente homo.

AS “POÇÕES” DE EPIMETEU

“Não há factos eternos, como não há verdades absolutas.”

FRIEDRICH NIETZSCHE

PIRRA JÁ NASCEU formada e pronta, do mesmo modo que nós, os seres oriundos do universo paralelo a este. Não temos, como os humanos, de passar pelas fases de bebê, criança, adolescente e adulto. Como já disse, nascemos prontos para a vida!

E Pirra, ao dar-se conta da sua existência, olhou-nos e questionou:

— Quem sou eu? Por que me criaram?

Logo percebi que ela era realmente um ser especial, pois já nasceu a querer entender o que estava a passar-se, situação que não era normal para nós, olímpianos, que nem sequer nos preocupávamos com o motivo da nossa existência!

Eu lembro-me que, ao dar-me conta da minha existência e apesar de não ter perguntado nada ao meu criador – Zeus –, olhei à minha volta e percebi que não era para eu ter nascido naquele lugar. Algo em mim logo sinalizou-me que não conseguiria adaptar-me àquele ambiente nem conviver com aquele ser que estava à minha frente e que era o meu “pai criador”. Pirra era igual a mim, reflexiva e ousada nos seus pensamentos! Vi que não havia errado nas características que havia anexado à sua personalidade.

Epimeteu estava extasiado! A sua expressão era de espanto!

Então, ele esclareceu-lhe:

— O seu nome é Pirra, que significa aquela cheia de sabedoria, de justiça e amor. Você nasceu através de nós. Somos Epimeteu, da linhagem dos titãs, e Pandora, que antes foi filha de Zeus e, agora, é um ser biológico humanoide. Você foi urdida para manter a minha linhagem mais um tempo sobre a Terra. De você, nascerão seres melhorados que serão os futuros descendentes que habitarão a Terra. Você será a minha filha e a minha única descendente. Para você, dei o que de melhor possuía e lhe reservei um destino calmo e feliz. Também lhe dedicarei os meus melhores momentos, e lhe

ensinarei tudo o que sei para que você seja sábia em conhecimento, inteligência e criatividade. Sou o seu pai e a protegerei enquanto eu existir.

Observei aquela cena totalmente inusitada para mim. Aqueles dois seres eram muito próximos um do outro. Pirra olhava com encanto – e eu diria, com “amor” – para aquele ser de aparência horrível, mas cheio do que, na Terra, os humanos chamam de sentimentos verdadeiros e amorosos.

Ela, então, disse-lhe:

— Recebo-o como o meu criador, acima de tudo, e o aceito como meu pai, cuidador e protetor. Você tem aqui uma filha. Ensina-me tudo que sabe e eu darei seguimento à linhagem de seres à qual você pertence.

Parecia que eu não existia. Eles estavam a ver somente um ao outro. Eu deixei-os à vontade. Vi que Pirra pertencia a Epimeteu. Que seja! Este era o propósito da sua criação por mim: que ela fosse o elo entre Epimeteu e esta realidade. Que ela conseguisse o que mais ninguém ou algo conseguiria: mantê-lo nesta realidade por mais algum tempo.

O leitor deve pensar como eu pude simplesmente agir assim, sem tentar aproximar-me da minha filha. Não se surpreendam comigo! Eu ainda tinha em mim uma porção olimpiana, portanto nem tudo me tocava o suficiente para que eu ficasse ligada “emocionalmente” – digamos assim – a ela. Eu havia criado Pirra para ser a companheira de Epimeteu. Então, para tal propósito, ela havia nascido. Não pretendo que o leitor entenda isso! O importante foi que o meu planejamento havia surtido efeito, e eu passei para a tarefa seguinte, relativa às “criaturas de duas pernas”.

Epimeteu ficou próximo de Pirra, ensinando-a sobre as “poções” que criava. Parecia um menino de tão entusiasmado que estava! Ela também estava “contente” junto a ele. Percebi que a minha presença era realmente dispensável naquela ocasião.

Assim, saí em busca dos “seres de duas patas”. Com eles eu sentia-me “feliz” – ou algo que possa se assemelhar a isso. Quando os encontrei, o macho ao qual eu havia, de certa maneira, me afeiçoado, não estava no grupo. Procurei-o, observando se ele estava nas imediações. Não o localizei. De repente, ouvi um som vindo de perto da casa e aproximei-me para verificar o que estava a acontecer, quando vi que Epimeteu e Pirra estavam a dar uma das “poções” ao macho que eu procurava.

Cheguei mais perto e escutei quando Epimeteu falou:

— Ó, Pirra, essa “poção” é especial. Fabriquei-a recentemente, e por isso não a havia testado em nenhuma dessas criaturas. Ela deverá fazer com que o cérebro desse

ser se desenvolva um pouco mais para podermos, em breve, ensiná-lo a falar. O que você acha disso? Eles não falam de modo que possamos entendê-los, pois percebi que os seus cérebros não possuem mecanismos suficientes para desenvolverem certas particularidades que permitam as produções dos sons serem inteligíveis. Para tal, é necessário que o cérebro dele consiga ligar o que ele está a pensar com um som que possa indicar esse mesmo pensamento. Isso só acontecerá caso o seu cérebro se desenvolva um pouco mais. Que tal ajudar-me nesse intento e catalogar os resultados dessa experiência?

Fiquei a observar o que aconteceria em seguida. Epimeteu deu a “poção” ao macho e continuou a explicar à Pirra, com mais detalhes, o que aconteceria se aquele “coquetel mágico” funcionasse.

— Perceba, ó Pirra, que este macho não consegue falar – alertou Epimeteu.

— Você sabe por quê? Já lhe explico: é porque o cérebro dele não tem mecanismos suficientes para que os seus pensamentos possam ser expressos a partir dos sons que são articulados pelas cordas vocais e através das movimentações que a sua língua possa fazer. Esta “poção” fará com que o seu cérebro se torne maior e que a quantidade de sinapses, que agora são poucas, aumente também. É como se eu estivesse a dar-lhe uma “injeção” de novas informações de modo que o cérebro dele tenha de criar, forçadamente, mecanismos para poder entendê-las e, depois, desenvolvê-las. Ele receberá uma alta dose deste “coquetel”, e o seu organismo, como um todo, achará meios de reagir a esses estímulos, atingindo assim um novo patamar de organização. Vamos esperar até amanhã e verificaremos o que acontecerá a este macho. Deixemo-lo, agora, a descansar. O seu organismo precisará de todas as forças para lidar com esta “poção”. Venha comigo, querida filha, que vou mostrar-lhe a sua nova casa.

Os dois saíram a conversar animadamente a respeito do local em que ficava a casa, que agora também seria dela, e eu fiquei a observar atentamente o macho. Queria perceber de imediato se a “poção” teria algum efeito sobre ele.

O macho ficou deitado por uns momentos, e eu fiquei junto dele. Segurei a sua mão para que percebesse a minha presença. Ele olhou-me admirado, mas não retirou a sua mão da minha. Depois, lançou-me um olhar que representava, naquele momento, um singelo agradecimento pela companhia. Ajudei-o a levantar-se e levei-o até à árvore em que ele ficava quando queria descansar. Ele deitou-se, pois não se aguentava em pé. Percebi que a fronte dele suava e que estava com o corpo todo quente. Aflita, eu me perguntava: “O que estava a acontecer com ele? *“O que se passava dentro do seu corpo?”*”.

Ele permaneceu deitado por longas horas, e eu continuei por ali, junto dele, esperando para ver o que acontecia. Chegou a noite, e ele continuava deitado. Ainda suave e o seu corpo permanecia quente. Notei que ele gemia baixinho, como se sentisse dor.

“Será que ele sentia dor?” – pensei, e não teria coragem de perguntar isso ao macho, mesmo se ele soubesse falar.

Velei o seu sono por toda a noite. Era a primeira vez que eu dormia fora da casa – que, então, também era minha –, e sob as estrelas, que aliás, naquela noite, me pareceram bem mais belas... ou será que eu nunca havia, de facto, olhado para elas? Não sei o que dizer. Somente sei que foi a noite mais inusitada que já tinha vivido em toda a minha existência. Eu, parte homo e parte olimpiana, deitada ao lado de um “ser animalizado, de duas patas”, sob a luz das estrelas... de facto, isso era algo bem inusitado para mim.

Chegou a manhã e logo ao nascer dos primeiros raios, coloquei a minha mão sob a testa do macho e percebi que o seu organismo estava mais calmo, pois que o suor e o calor haviam passado. Esperei que ele acordasse. E quando o fez, procurei observá-lo com atenção para ver se percebia alguma diferença no seu comportamento.

Bem, o que vou relatar, a seguir, foi surpreendente para mim também. A sua aparência estava diferente. Observei que existiam menos pêlos no seu rosto e no restante do seu corpo, de modo geral, que a sua pele estava mais clara e as suas feições mais suaves. “O que teria acontecido para provocar tamanha mudança física? A ‘poção’ de Epimeteu era poderosa!” – foi o que pensei. Aguardei que ele olhasse para mim, esperando poder ver se mais alguma mudança havia ocorrido.

Quando me fixou o olhar, buscou mostrar alguma expressão com o rosto; depois, tentou emitir um som e, de repente, articulou alguns movimentos com a boca, meio sem saber como fazê-lo, mas motivado por ordens que ele não sabia de onde vinham – aquilo o fez tomar um susto. O facto é que, ao abrir a boca e olhar para mim, emitiu um som muito parecido com um “olá”! Eu assustei-me também! Ficámos a fitar-nos, sem saber o que fazer. Eu sempre o cumprimentava assim quando chegava junto dele, e ele havia repetido o que eu sempre fazia! Fiquei impressionada! Aguardei, para ver o que aconteceria em seguida.

Nisso, Epimeteu e Pirra apareceram, junto a nós.

— Ó Pandora, o que você faz aqui fora, tão cedo? – perguntou-me Epimeteu. — Já viu o “ser de duas patas”? Percebeu algo diferente nele?

Eu não disse nada, mas o macho olhou para eles e falou “olá!” – devo adverti-los que era um som que se assemelhava a isso.

Epimeteu deu um passo para trás e olhou-me surpreso!

— Veja, Pandora! – observou Epimeteu. — Você percebeu o que ele disse, ou eu ouvi demais? Parecia um “olá”? Você ouviu também, Pandora? Fale-me se ouvi errado!

— Você ouviu correto, Epimeteu! – confirmei. — Eu também estou surpresa, porém devo dizer-lhe que sempre cumprimentei este macho desse modo, e acredito que ele está a reproduzir a saudação que sempre ouviu de mim. Não é inacreditável?

Epimeteu ficou calado por alguns instantes, como se a processar o que estava a acontecer. Descreveu, em voz alta, algumas alterações que eu já havia percebido, ou seja, a mudança de cor da pele, a diminuição dos pêlos, a suavidade nas feições do rosto e a reprodução de pequenos sons. Ele tirou do bolso um tipo de caderno e anotou tudo o que conseguiu observar. Tocou na pele do macho e sentiu o seu cheiro. Ao abrir a sua boca, observou que a cavidade bucal havia aumentado e que a sua língua estava mais solta. Então, ele deu ordem ao macho que tentasse repetir os sons que estava a fazer.

Ficamos – eu e Pirra – a observar como Epimeteu lidava com o macho. Fiquei com “pena” daquela criatura, pois ele parecia meio assustado com tudo o que estava a acontecer. Todavia, não interfeiri, porque sabia que era importante que fossem vistas todas as mudanças provocadas pela “poção” de Epimeteu naquele ser da “espécie animal de duas pernas”.

Ao dar-se por satisfeito, Epimeteu concluiu:

— A “poção” funcionou melhor do que eu esperava! A evolução do organismo dele é enorme! As mudanças físicas são impressionantes, pois nem se passaram vinte e quatro horas desde que ele tomou a “poção”! Penso que ocorreram, também, alterações no seu cérebro, pois ele articulou pensamento e som ao dizer “olá”. Entretanto, esse efeito só vamos perceber melhor com o passar dos dias, porque ele precisará ser estimulado mais e mais para podermos verificar o quanto o seu cérebro vai reagir aos novos estímulos.

— Pandora e Pirra, vocês duas vão ficar ao lado deste macho e, de maneira paciente, tentar ensiná-lo a repetir os sons que vocês emitirem – solicitou Epimeteu. — Entenderam o que eu disse? Vocês vão falar diversas vezes o mesmo som e vão estimulá-lo a repetir e repetir até que venha dele algo parecido com o que vocês expressaram. Não cumpram essa tarefa em conjunto, mas separadamente, para não cansá-lo. Façam um som de cada vez, e escolham palavras simples e que sejam parte do conhecimento dele, como esta pedra, por exemplo. Mostrem o objeto e falem repetidas vezes a palavra

que o representa, para ele perceber. Cuidem que ele observe o objeto e o modo como a boca de vocês emite o som, porque, assim, ele vai ver como fazer as articulações necessárias de abertura e fechamento da boca para que o som possa ser mais e mais claro. Posso contar com a ajuda de vocês duas?

Era óbvio que eu ajudaria! E Pirra, olhando para mim com certa curiosidade, afirmou que sim, que teria prazer em ensiná-lo também. Ela fitou-me profundamente pela primeira vez, como se finalmente percebesse a minha existência e, então, indaguei-lhe se ela se lembrava de quem eu era.

— Você é minha criadora – respondeu-me ela. — Lembro-me de que você e o meu pai Epimeteu deram-me vida. Por que você me criou? Percebo que você não tem a mesma afinidade por mim como ele, então, para que você me criou?

De facto, as características que eu havia dado a ela estavam presentes na sua personalidade.

— Ó, Pirra, entre nós não haverá nenhum tipo de disputa e não usaremos de subterfúgios para esclarecermos uma à outra sobre os verdadeiros motivos que nos fazem, agora, convivermos no mesmo ambiente – declarei. — Eu dei-lhe vida para que você fosse a companheira daquele que é o seu pai. Eu a criei para que fosse ousada e livre, mas que fosse também a filha devotada daquele que ansiava por um descendente. Epimeteu precisa de você para dar um sentido à sua existência. Você verá que ele vive num mundo fictício. Você o conhecerá profundamente e saberá que a sua função é mantê-lo na nossa realidade para que desenvolva as “poções” que ele tem lhe mostrado. Digo-lhe que somente ele sabe produzi-las! Eu e o seu tio Prometeu estávamos preocupados com as constantes ausências mentais dele, então, eu pensei que, se ele tivesse alguém que o estimulasse a focar a sua atenção aqui, ele deixaria de ficar tanto tempo fora da nossa realidade. O que acha disso, ó Pirra? Você consegue mantê-lo aqui?

— Se você criou-me com essa intenção, é certo que o farei – afirmou Pirra.

— Entretanto, além disso, você tem alguma pretensão de se relacionar comigo? Na verdade, a resposta já sei e devo dizer-lhe que não me incomoda em nada o facto de você não querer. Se fui engendrada para ser assim, então, não há problema. Farei o que você me pediu e me deu como missão. Eu sinto-me impulsionada a ficar mais perto dele, e não é somente pelo facto de ter sido criada para isso... algo nos une. Que seja! Ficarei perto dele e o ajudarei no que for preciso para que o foco da sua atenção seja a preparação das “poções” e a catalogação delas na apreciação da minha companhia.

— Combinemos assim: eu e Epimeteu estimularemos o “ser de duas patas” durante o dia, e você, durante a noite – propôs Pirra. — O que acha dessa proposta? Assim, em todos os momentos, ele estará acompanhado por um de nós. Você concorda?

Eu respondi que sim, e despedimo-nos. Fiquei a observá-la a ir embora, pensando como aquele ser, que já nasceu pronto, era inacreditável. As suas percepções e inteligência eram bastante concretas, pois que tinha menos de vinte e quatro horas de nascida e já era forte, obstinada e segura. Realmente, ela era titânide e olimpiana, pois que possuía características dessas duas estirpes.

Não havia sentimentalismos estéreis na sua personalidade. Ela percebia a realidade e não reagia aos factos com emoções exageradas. Acho que isso deve provocar estranheza no leitor, mas em nós não causava porque, simplesmente, isso fazia parte do nosso modo de ser. Nada mais do que isso!

TOMANDO AS “POÇÕES” DE EPIMETEU

“Sim, eu sei de onde venho! Insatisfeito como a labareda, ardo para me consumir! Aquilo em que toco, torna-se luz. Carvão, aquilo que abandono. Sou certamente labareda!”

FRIEDRICH NIETZSCHE

ENTÃO, conforme combinado, começámos a efetivar o nosso planeamento. Durante o dia, Epimeteu e Pirra estimulavam o “macho de duas pernas”, e eu, à noite, buscava perceber a evolução do que ele tinha aprendido durante o dia. Eu servia para aprimorar os seus novos conhecimentos.

Foi uma evolução bastante gradual. Era engraçado até como tudo aconteceu. O macho ficava, muitas vezes, igual às crianças terrenas, repetindo e repetindo para mim o que ele ouvia durante o dia, e eu ia corrigindo as suas expressões faciais e os sons que ele articulava.

Entretanto, existe uma particularidade na nossa conversação, pois nós, das estirpes olimpiana e titânide, falávamos por rimas, ou seja, as frases sequenciais terminavam em palavras que rimavam entre si. Consegue perceber isso? Acho que seria engraçado, para o leitor, escutar-nos a conversar. Era como se fosse uma ópera na qual, em vez de falarmos, cantássemos. Para melhorar o entendimento é que estou a comparar com uma ópera, em que a peça teatral é feita com os atores a cantarem o texto em vez de falarem normalmente, porém, de facto, não era bem assim, pois somente os sons eram pronunciados de maneira ritmada, como se recitássemos. Engraçado, não?

Seguíamos com isso todos os dias. Eu mal convivía com Pirra, porém Epimeteu e ela sempre estavam juntos. Ao longo do dia, eu observava-os e via que a interação entre eles era cada vez maior. Pirra sempre anotava as explicações que ele estava a dar a ela sobre as “poções”. Eu observava-os e também aprendia o que ele dizia e, antes de me juntar ao macho, eu mesma tomava as “poções” que eu achava que causariam as mutações que eu queria alcançar no meu corpo e na minha composição de ser. Eu estava a transformar-me e escolhia as “poções” com base nas características que eu queria

desenvolver em mim mesma. Então, eu catalogava os resultados e, depois, também dava as mesmas “poções” ao macho, para que ele evoluísse mais rapidamente nas características que eu queria que ele também adquirisse.

Pirra e o seu pai não sabiam que eu também estava a dar as “poções” ao macho e, por isso, achavam que os resultados obtidos eram ainda da última “poção” que Epimeteu havia dado a ele. O leitor deve estar a perguntar-se por que eu agia assim, sem combinar com os dois. A questão é que eu não queria que eles soubessem quais as “poções” que eu estava a usar, porque o meu objetivo era conseguir que aquelas criaturas fossem livres. Eu planeava algo superior para aquela espécie! Não queria que eles fossem somente “massa de manobra” para os titãs ou para os deuses do Olimpo. Desejava mais para aqueles seres, e não queria que Epimeteu e Pirra interferissem no meu plano.

Mais adiante¹, narrarei com mais detalhes o que verdadeiramente havia planeado para a “espécie de duas pernas”. Por agora, basta que o leitor saiba que eu estava a “manipular” as “poções” de acordo com as características que eu queria que aquelas criaturas desenvolvessem. Isso basta, por enquanto!

Nisso, Prometeu, depois de muito tempo, regressou a nossa casa.

Estávamos, eu e o macho, a travar um diálogo embaixo da árvore, sob as estrelas, quando me dei conta que alguém nos observava. Tentei perceber quem era e, ao reconhecer Prometeu, fiquei surpresa com o aparecimento dele junto de nós.

Prometeu, então, com grande espanto, disse-me:

— O que se passa, ó Pandora! O que aconteceu aqui, na minha ausência?

Quem é este ser? Quem o criou e qual o propósito da sua existência?

— Foi você, ó Prometeu, quem o criou! – respondi-lhe, enquanto, intimamente, fiquei a sorrir daquela expressão de admiração dele. Não reconhece a sua própria criação?

Ele, dando um passo para mais perto do macho, olhou-o com bastante atenção, e solicitou:

— Explique-me, ó Pandora, o que aconteceu na minha ausência. Explique-me como é que este macho evoluiu tanto! Fiquei fora tanto tempo assim? O que aconteceu aqui? Onde está Epimeteu? O que ele fez? Quais as “poções” que ele usou? Você observou este ser durante todo o processo de mudanças? Você aprendeu a usar as mesmas “poções”? Responda-me, Pandora!

Prometeu estava muito excitado com o que ele estava a perceber e não me dava oportunidade de retrucar a nenhuma pergunta. Eu fiquei calada, esperando que ele concluísse todas as questões que ele estava a levantar e, quando assim o fez, eu falei-lhe:

— Acalme-se, Prometeu! Deixe-me responder uma a uma das suas perguntas. Se você não se calar, como poderei contar-lhe?

— Fale, ó Pandora! – disse Prometeu. — Não aguento de tanta curiosidade! Diga-me como tudo aconteceu! Não me poupe dos detalhes, pois quero saber tudo!

Narrei detalhadamente todos os acontecimentos a ele. Prometeu vibrava a cada palavra minha.

Ao terminar a minha narrativa, pedi ao macho que se apresentasse ao seu criador, e Prometeu quase “morreu” de espanto ao ouvir a seguinte frase do “macho de duas pernas”:

— Olá! Eu sou aquele que você criou. Eu o reconheço agora. Desde o início, você estava perto de mim. Você criou-me e, ao longo do tempo, observava-me. Por que você foi embora daqui?

Prometeu não conseguia conter o seu assombro!

— Como tudo isso ocorreu na minha ausência? – questionou-se Prometeu, falando alto os seus pensamentos. — Fiquei fora tanto tempo assim?

E ele mesmo respondia que havia ficado fora por dois anos – em tempo terrestre –, e isso não era muito, pois que já havia ficado bem mais, e nada de novo tinha acontecido àquela espécie. Ele estava estupefato com o que encontrara! Falava, repetidamente, que não acreditava no que estava a ocorrer. Deixei-o absorver tudo o que ele estava a ver e sentir.

Ao longo de toda a noite, fiquei somente ao lado deles dois, prestando atenção como Prometeu levava adiante as suas pesquisas, quais anotações que ele fazia e quais as características que ele observava que eram importantes, e que o macho havia desenvolvido. Eu estava a aprender muito com os irmãos titãs, e isso ser-me-ia muito útil no tempo que ainda estava por vir – no entanto, cada coisa na sua época devida. E, assim, foi-se a noite.

Ao amanhecer, Epimeteu e Pirra vieram ao nosso encontro. Mais uma vez, Prometeu surpreendeu-se com o que via. De facto, eram muitas novidades para ele!

Epimeteu, ao reconhecer o irmão, falou animadamente:

— Que bom que você regressou! Tenho tanto para lhe contar! Temos grandes novidades para você! Olha, conheça Pirra, a minha filha e de Pandora! Ela dará seguimento à nossa linhagem! Olha, ó Prometeu, como ela é inteligente e criativa, pois é uma titânide! Ela levará adiante tudo o que nós criámos e catalogámos. Todo o nosso conhecimento ficará vivo! Nada se perderá, pois estou a ensinar tudo o que sabemos a ela! Não é fantástico?

Prometeu nem conseguia falar nada, tamanha era a excitação de Epimeteu em mostrar-lhe as novidades.

Finalmente, Epimeteu apontou para o macho de duas pernas e perguntou:

— Já viu, ó Prometeu, a evolução deste macho? Já viu?

Os dois pareciam duas crianças a mostrarem os brinquedos novos, enquanto eu e Pirra ficámos a observar a cena. O macho também os observava, como se a tentar entender o que eles conversavam. Momento único, devo dizer! Era uma euforia total! Os irmãos não cabiam em si de tanta “felicidade” – digamos assim.

Levámos o dia todo para que tudo se esclarecesse e que todos ficassem satisfeitos com as respostas a todas as questões levantadas. Ao anoitecer, fomos para dentro da casa e o macho seguiu-nos. Eu fiquei a ver o que aconteceria.

Prometeu incentivou o macho a acompanhar-nos, dizendo-lhe, “alegremente”:

— Venha connosco e partilhe a nossa casa!

Realmente, nada mais faltava acontecer naquele dia! Era surpresa por cima de surpresa!

Quando entrámos, fiquei junto do macho para ver o que ele acharia de estar, finalmente, a entrar na casa, já que ele, até então, ficara somente do lado de fora. Ele a tudo observava e tentava imitar-nos nos nossos gestos e atitudes. Eu ajudava-o à medida que ia percebendo as suas dificuldades. Tudo estava a acontecer muito rápido, e eu não sabia como aquela noite terminaria, portanto, esperei para ver o que aconteceria em seguida. Nisso, percebi que Prometeu nos observava com interesse. Ele viu que havia uma sintonia entre mim e aquele ser. Olhou-me como a me encorajar a continuar com o que eu estava a fazer.

Epimeteu não parava de falar e de mostrar tudo o que ele havia produzido na ausência do irmão. Pirra somente observava calada o seu tio. Eu entendia o que ela

estava a fazer porque eu agia exatamente assim, ou seja, observava e depois interagia – ela estava a observá-lo para saber com quem estava a lidar. Era um bom método de percepção para não se mostrar de imediato – primeiro, buscava-se conhecer o outro e, depois, mostrava-se para ele caso fosse percebido que isso era importante, caso não, simplesmente não interagia. Os titãs e os olímpianos são assim! Não perdem tempo com conversas inúteis e com seres que não lhes interessam! Não se importam com aqueles que nada podem oferecer-lhes!

Nisso, Prometeu perguntou a Epimeteu qual a “poção” que ele havia usado no macho para conseguir tamanha evolução. Ele, de pronto, respondeu qual a “poção” que havia usado e pediu a Pirra para explicar o que eles haviam catalogado ao longo dos dois anos passados, entre o dia em que o macho tomara a “poção” até ao momento presente. Prometeu, então, perguntou a eles se haviam usado mais alguma outra “poção” naquele intervalo de tempo. Eu fiquei calada, esperando a resposta deles.

Então, Pirra esclareceu-lhe:

— Pergunte à Pandora o que ela tem dado ao macho, na nossa ausência. Ela saberá melhor responder-lhe, ó tio. Questione também o que ela anda a tomar para conseguir as alterações no seu corpo e na sua consciência de olímpiana.

Percebi que ocorreram mutações também nela, mas não sei exatamente quais as características que ela pretendia alcançar e, por isso, gostaria de ouvir dela o que tomou e quais os objetivos pretendidos. Pergunte-lhe, ó tio, porque a você ela responderá!

Pirra realmente surpreendia-me a cada momento. Ela estava a observar-me sem que dissesse eu me desse conta, pois ela notara as mutações que o meu corpo e a minha “consciência” estavam a produzir por meio das “poções” que eu havia tomado às escondidas deles. Bem, nem tão escondida como eu imaginava, já que ela havia percebido que eu as estava a consumir!

Antes de responder às questões de Pirra, perguntei-lhe, por curiosidade:

— Diga-me, ó Pirra, como notou que eu estava a tomar as “poções” e que as estava a dar ao macho também? Diga-me como viu isso sem que eu percebesse a sua presença?

— Certa noite, eu a vi a “manipular” as “poções”, e fiquei a observar – esclareceu-me Pirra. — Percebi que você estava a escolher aquelas que eu e o meu criador havíamos catalogado no dia anterior. Por motivos que desconheço, você escolhia as “poções”, misturava-as e as tomava. Depois, percebi que você também as estava a dar ao macho, e passei a analisar as alterações tanto em você como nele. Anotava as suas “manipulações” e catalogava os resultados no dia seguinte, observando-os. No entanto,

desconheço os objetivos que você planeava atingir. Portanto, pergunto-lhe diretamente o que você pretendia com as “manipulações” que fez, em si mesma e neste macho. Conte-nos, ó Pandora!

Fui apanhada pela minha própria criação! Não esperava por isso! Não pensava ter que dar explicações dos meus atos e dos meus objetivos! Isso só dizia respeito a mim e não estava com vontade de falar sobre esses assuntos, principalmente à frente do macho, já que sabia que ele não entenderia por completo, mas, na sua mente ou na sua consciência em formação, ficaria registado que eu o estava a “manipular”.

Então, falei em alto e bom tom para que todos percebessem a gravidade do que estava a acontecer naquele momento:

— Ó Pirra, você cometeu um erro em falar dessas coisas neste momento. Espere estarmos sós para questionar-me a respeito desses assuntos. Você entende que este momento não é adequado para essas explicações?

Todos olharam para o macho e concordaram que eu estava certa. Prometeu, então, decidiu:

— Deixemos essas questões para outro momento. Vamos continuar a conversar a respeito das mudanças ocorridas na minha ausência.

— Diga-me, Epimeteu, se você fabricou novas “poções” e conte-me o nascimento de Pirra – pediu Prometeu. — Fale-me das capacidades dela e diga-me o que planeia para ela no futuro, já que você colocou o legado da nossa espécie na sua descendente direta.

Epimeteu narrou tudo como aconteceu e, quando olhei para Prometeu, ele fez-me um sinal para que eu tirasse o macho dali, que eu o levasse para conhecer a casa, de modo a explorar o novo ambiente. Realmente, Prometeu tinha uma percepção fora do comum: ele sabia exatamente o que fazer, em que momento fazer e como fazer. Eu tinha muito o que aprender com ele! E eu aprenderia, eu seria a sua discípula direta! Ele me ensinaria tudo o que aprendeu ao longo dos milhões de anos da sua existência de titã! E isso serviria como base para o que eu planeava. Contudo, como já disse, cada coisa no seu momento, e o que eu planeava ainda teria de esperar muito tempo terrestre para acontecer, porém, não tinha importância porque eu viveria ainda muito para efetivar o que eu estava a planejar para aquela “espécie de duas pernas”.

Levei o macho para explorar os ambientes da casa e fiquei a observar as suas expressões diante de cada local que entrava. Parecia uma criança quando se deparava com algo novo, ia do espanto à alegria da descoberta. Como era prazeroso perceber aquelas variações de sentimentos e de expressões do seu corpo! O que me fascinava era

como o seu corpo reagia aos estímulos! O que tem de surpreendente nisso era que nós, olímpianos e titãs, éramos muitos controlados, e não demonstrávamos alegria, espanto, raiva ou qualquer outro sentimento tão facilmente! Era motivo de fraqueza entre nós externarmos qualquer coisa que permitisse ao outro saber o que pensávamos ou o que sentíamos, pois ele, com certeza, usaria isso contra nós. Era uma questão de sobrevivência não expressarmos qualquer reação no trato com os seres dessas espécies, sob pena de lhes darmos uma arma contra nós. Éramos frios, impassíveis e ensimesmados.

Aquela “criatura de duas pernas” era completamente diferente de nós! A sua alegria era contagiante, e o prazer que ele demonstrava, em cada novo aprendizado, era fantástico! Isso causava-me sensações que, naquele momento, eu somente poderia classificar como “alegria e prazer” – para mim, na condição olímpiana, isso era algo impensado de sentir.

Nisso, percebi que Prometeu nos observava. E ao chegar próximo de mim, o suficiente para que o macho não ouvisse, orientou-me:

— Precisamos conversar a sós, ó Pandora. Entretanto, neste momento, continue com a apresentação dos ambientes desta casa. Escolha um dos quartos para que este macho comece a conviver connosco diariamente. Deixe-o escolher. Perceba se ele tem capacidade para isso, e caso não, escolha você mesma. Então, depois, conversaremos em particular sobre todas as questões levantadas por Pirra. Por hoje, basta de tantas novidades. Precisamos todos processar as informações que tivemos ao longo do dia. Ensine este macho a usar o ambiente que ele escolher para ficar a partir de agora.

Continuei a mostrar ao macho todos os ambientes e, ao chegar no quarto em que eu dormia, ele apontou para mim, gesticulando para que eu dissesse se eu dormia ali, naquele lugar. Eu disse que sim, e ele, instintivamente – acredito eu –, sentou-se na “cama” que eu dormia, depois deitou-se e, ali, ficou à espera que eu fizesse algum comentário. Percebi que ele escolhera ficar no mesmo quarto que eu. Fiquei estupefata com aquela escolha! Eu me perguntava: *“Como ele, entre todos os outros ambientes que lhe mostrei, escolheu exatamente o mesmo que eu estava a ocupar? Como ele havia associado o facto de que eu morava ali, com alguma coisa no quarto?”*. Havia algo que eu não estava a perceber na evolução daquele ser – ele estava a desenvolver-se muito rápido para as minhas percepções.

Então, Prometeu, que continuava a observar-nos, aproximou-se e comentou:

— Por essa você não esperava, ó Pandora! Vejo que está surpresa com a escolha deste ser. A resposta é simples: ele sentiu a sua vibração e o seu cheiro aqui e, instintivamente, por conhecê-la, escolheu este ambiente que, para ele, é mais acolhedor,

já que ele percebe acolhimento e proteção em você. Logo, aqui, ele sente-se protegido. E, agora, o que você fará, ó Pandora? Ficaré no mesmo ambiente que este ser ou escolherá outro para você? Acredito que ele não ficará aqui se você não ficar junto dele. Parece-me que ele já a reconhece como a sua parceira de existência e, de facto, ó Pandora, você se tornou. Não é mesmo?

Não havia o que ser feito pois, eu havia me tornado a sua parceira constante durante as noites. Então, nada mais natural para ele do que ficar no mesmo ambiente que eu – bem, por agora, os factos são esses, e não poderiam ser modificados. Concordei com aquilo e deixei que tudo ocorresse de modo a que as circunstâncias determinassem o rumo de como tudo se organizaria a partir daquele momento. A noite e o dia tinham sido cansativos! Eu também precisava “descansar”!

Prometeu retirou-se para o seu ambiente particular, e eu, ao olhar para o macho, percebi que, para ele, também havia sido um dia muito preenchido, porque já dormia profundamente. Então, também tratei de me recompor, pois precisaria de toda a minha energia para poder conversar com Prometeu no dia seguinte.

Eu sabia que, com ele, não havia hipótese de manipular, ao meu gosto, a nossa conversa, e que não conseguiria esconder dele o que eu estava a planear. Portanto, era melhor eu preparar-me para o embate, pois eu achava que não seria fácil convencer Prometeu dos meus objetivos e propósitos para aquela espécie, criada por eles, os irmãos titãs.

Assim, a melhor maneira seria eu preparar-me e esperar para ver o que o futuro nos traria!

¹ Tema sobre os detalhes do meu plano para libertar a “espécie de duas pernas” será abordado em “*Os Livros da Vida de Pandora – O Coquetel das Poções e o Iminente Ataque do Olimpo – Livro 2*”.

SOBRE A AUTORA



Jeane Miranda é escritora da Editora Nova Egrégora, tem formação como Mestre em Ciências da Educação, pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho em Portugal.

Atualmente estuda a Revelação Cósmica desenvolvida por Jan Val Ellam. À medida que os seus estudos avançam, novos painéis ficam disponíveis no seu psiquismo permitindo a escrita, por meio da psicografia, de livros narrados por protagonistas que fizeram parte de um passado esquecido pela humanidade terrestre.

Resgatar esse passado perdido pelo obscurantismo e ressignificar a participação desses personagens, que por vezes foram mal interpretados pela história humana, tem sido a finalidade das suas obras.

LIVROS DA AUTORA

- **Anjos Decaídos:** O Legado Cósmico da Humanidade.
- **Os Livros da Vida de Pandora 1** – Zeus, os Titãs e a Criação da Espécie Humana Terrestre.
- **Os Livros da Vida de Pandora 2** – O Coquetel das Poções e o Iminente Ataque do Olimpo.
- **Os Livros da Vida de Pandora 3** – Os Anunnaki e a Disputa pela Genética de Pandora
- **Os Livros de Yel Luzbel:** A Revolta do Anjo Decaído.
- **O Senhor Javé:** O Criador deste Universo.